

# ENTRE AS VOZES DISSONANTES E O CORO EM UNÍSSONO, A HARMONIA POSSÍVEL

- Redações de Alunos de 8ª série do Ensino Fundamental -

ANILCE MARIA SIMÕES<sup>1</sup>  
CAROLINA DO SOCORRO ANTUNES SANTOS<sup>2</sup>  
JÚNIA MARIA CAMPAS PASSOS<sup>3</sup>  
MARLENE MACHADO ZICA VIANNA<sup>4</sup>  
MARIA DIRCE DO VAL<sup>5</sup>

*O verbo ler não suporta o imperativo  
Aversão que partilha com alguns outros:  
O verbo amar... o verbo sonhar... Bem, é  
Sempre possível, é claro. Vamos lá: Me ame!  
Sonhel Leia!...*

Daniel Pennac

## Introdução

Este relatório pretende apresentar o resultado da análise das redações de alunos concluintes do segundo ciclo do Ensino Fundamental – turnos diurno e noturno – as quais constituem o *corpus* para a avaliação da escola pública do estado de Minas Gerais proposta pela SEE/MG – OITAVA/95.

Para produzir seus textos, os alunos receberam a orientação de opinar sobre situações, que vieram narradas na prova, envolvendo problemas de preconceito.

Para o turno diurno:

*Pesquisa mostra que a maioria das empresas brasileiras ainda cede ao preconceito e demite o trabalhador que tem o vírus da AIDS.*

Para o turno noturno:

*Foi notícia há pouco tempo nos jornais o caso de uma cantora negra que foi impedida de hospedar-se em um hotel por causa de sua cor.*

<sup>1</sup> Mestre em Lingüística – Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP.

<sup>2</sup> Mestre em Lingüística – Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Doutoranda em Literatura Comparada (UFMG).

<sup>3</sup> Mestre em Lingüística – Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG.

<sup>4</sup> Mestre em Língua Portuguesa – Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Doutoranda em Literatura Comparada (UFMG).

<sup>5</sup> Doutora em Educação e em Literatura Brasileira – Universidade de Tulane (USA).

Os alunos de ambos os turnos deveriam escrever seus textos, seguindo as mesmas instruções:

*Redija um texto dizendo o que você pensa a respeito desse acontecimento.*

*Justifique suas opiniões.*

*Dê um título a seu texto.*

A partir destas instruções – *dizer o que pensa e justificar suas opiniões* –, esperava-se que os alunos fossem levados a refletir sobre os acontecimentos em pauta e a expor o que pensavam a respeito do assunto, utilizando-se de argumentos pertinentes e bem fundamentados. Esperava-se, também, que, prestes a concluir o segundo ciclo do Ensino Fundamental, esses alunos estivessem familiarizados com um tipo de construção textual – a dissertação – que veiculasse, com propriedade, o conteúdo proposto.

Esse tipo de construção textual proporciona a quem escreve um espaço adequado à reflexão, uma oportunidade para o desenvolvimento do espírito analítico e crítico sobre o que acontece na realidade circundante. Além disso, exige, para as idéias expostas, uma organização bastante rígida, segundo o modelo canônico tradicional, em *introdução, desenvolvimento e conclusão* – partes que devem articular-se através do uso competente de recursos coesivos – e o emprego adequado do dialeto padrão – instrumento apropriado para transmitir idéias e opiniões na modalidade escrita. Nesse nível de escolaridade, seria igualmente desejável que estivessem bem claras para os alunos as diferenças, em termos de funcionamento, entre língua oral e língua escrita e as exigências que a situação de produção impõe para a elaboração de um texto.

A par de todas essas expectativas e requisitos a respeito do texto dissertativo, registre-se, ainda, que, segundo COSTA VAL (1991), uma produção textual, para valer a pena ser lida, precisa ser portadora de uma carga semântica efetiva que justifique sua própria existência, ter continuidade, apresentar progressão, ser clara e explícita na apresentação das informações, a fim de captar e manter o interesse do leitor pretendido.

Assim, para ser considerado aceitável, o texto dissertativo solicitado dos alunos do universo pesquisado deveria apresentar alguma reflexão sobre os temas propostos, ser estruturado numa forma em que fossem perceptíveis uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão, ser escrito em dialeto padrão e mostrar-se atraente para o leitor.

## **1. O DESEMPENHO COMO EXPECTATIVA: VOZES DISSONANTES**

Mesmo apresentando alguns desvios em relação ao que se considera um bom texto dissertativo, mas, levando-se em conta as condições de

produção sob as quais foram produzidas – incerteza quanto à destinação da escrita, tempo limitado para escrever, falta de preparação prévia dos alunos para a tarefa a ser executada –, as duas redações, transcritas a seguir, desafinadas em relação ao *corpus* considerado, são exemplos que mais se aproximam de um desempenho desejável para um aluno no final do segundo ciclo do Ensino Fundamental.

(01) **Ignorância**

*O mundo em que vivemos é um mundo cheio de misérias, corrupções e ignorância. Quando eu digo ignorância não quero dizer que falta ao homem conhecimento, a ignorância a que me refiro é a que faz um homem acreditar que é melhor ou superior ao outro, só porque a cor de sua pele é diferente.*

*Não importa se sou negra, amarela ou vermelha, o que importa, o que conta é que sou, acima de tudo, um ser humano e, como tal, mereço respeito.*

*A um bom tempo atrás, a ignorância era tanta, que se acreditava que o negro só podia ser escravo. Se passaram muitos anos, o negro se libertou da escravidão e começou a ganhar um espaço mais digno na sociedade.*

*Mas, mesmo assim, ainda hoje, existem pessoas que continuam acreditando que o negro não é merecedor de dignidade, a ponto de barrar sua entrada em um lugar público.*

*Eu fico indignada, quando ouço notícias assim!... Mas tenho fé em Deus e na justiça dos homens, e acredito que um dia, não sei quando, o negro conquistará igualdade absoluta em relação ao branco, não existirá nenhum tipo de preconceito, e então o ser humano conseguirá, finalmente, obter a paz. E, então, neste mundo, só haverá um excluído, o Ignorante!*

A impressão que se tem, à primeira vista, a propósito de *Ignorância* é a de que seu autor – autora, aliás –, não levando em consideração as instruções recebidas, se afastou do tema proposto. Essa impressão poderia criar, num leitor apressado, uma predisposição negativa em relação ao texto. No entanto, a sensação inicial de desconforto que se instala logo se desfaz, após a leitura do primeiro parágrafo. Nele, a autora, apropriadamente, define o seu objeto de reflexão, esclarecendo em que sentido a palavra *ignorância* está sendo empregada: *Quando digo ignorância não quero dizer que falta ao homem conhecimento, a ignorância a que me refiro é a que faz um homem acreditar que é melhor do que o outro porque a cor da sua pele é diferente.*

Essa passagem funciona como uma provocação para o leitor, atizando-lhe a curiosidade para o que virá a seguir em (01). A que tipo de argumentação recorrerá a redatora desse texto para sustentar essa posição inicial? O argumento em que se apóia, na verdade, não é original, mas é enfático e dito com tanta veemência, no segundo parágrafo – *Não importa se sou negra, amarela ou vermelha, o que importa, o que conta é que sou,*

*acima de tudo, um ser humano, e, como tal, mereço respeito.* – que incita o leitor a continuar a leitura, em busca do que lhe reserva o restante do texto.

Dando continuidade ao que denuncia na introdução, a aluna lembra, na primeira metade do terceiro parágrafo, que a *ignorância* – esse tipo de ignorância a que ela se refere – já foi mais degradante no passado, mas reconhece, na segunda metade do mesmo parágrafo, que o negro, ao longo do tempo, conseguiu libertar-se dessa degradação e ganhou um espaço mais digno na sociedade. Só então, a estudante recorre, no quarto parágrafo, ao incidente vivenciado pela cantora negra, que servira para detonar a reflexão sobre preconceito racial, a fim de argumentar a favor de seu ponto de vista: *Mas, mesmo assim, ainda hoje existem pessoas que continuam a acreditar que o negro não é merecedor de dignidade, a ponto de barrar sua entrada em um lugar público.*

Finalmente, no quinto e último parágrafo, apesar de toda a emoção que acaba por prejudicar a objetividade do raciocínio, a autora de (01) fecha o seu texto de maneira imprevisível e – por que não dizer? – sedutora, que conquista, definitivamente, o leitor: *E, então, neste mundo, só haverá um excluído, o ignorante!*

Apesar de o discurso obviamente emocional – a estudante não tem do assunto o distanciamento desejável para fazer uma análise objetiva do preconceito racial – não ser recomendável ao tipo de texto dissertativo/reflexivo, que se espera nessa circunstância, o uso desse discurso, no caso, deixa de ser questionável. Afinal, a aluna argumenta em causa própria – *...eu sou, acima de tudo, humana e, como tal, mereço respeito.* –, pois, muito provavelmente, tem sofrido, na própria pele, a crueldade desse preconceito. E é isso, certamente, o que torna sua fala verdadeira, a sua postura consistente diante da realidade. Diferentemente do que se pôde observar na grande maioria dos textos dos participantes da amostragem, cujos redatores se satisfazem – e acreditam satisfazer o leitor – reproduzindo discursos conhecidos e impessoais, a autora de (01) parece enxergar o mundo através de um prisma individual e saber o que quer dizer a seu interlocutor.

Deve-se reconhecer, no entanto, que *Ignorância* não é o texto ideal, devido principalmente à insistente interferência das funções emotiva e apelativa da linguagem, mas flui com facilidade, tem continuidade, apresenta progressão e, ressalvadas algumas declarações hiperbólicas – *igualdade absoluta, ausência total de preconceitos* – que ultrapassam os limites desejáveis nessa modalidade escrita, traz uma carga semântica efetiva que justifica sua existência. Além dessas qualidades, o texto (01) estrutura-se segundo o modelo canônico tradicional para textos dissertativos em *introdução, desenvolvimento e conclusão* – com essas partes naturalmente articuladas – e, nele, apesar de alguns escorregões – *A por Há, atrás por atrás, Se passaram por Passaram-se*, a falta de paralelismo em *...que é melhor ou superior ao outro* – estão razoavelmente respeitadas as normas do dialeto padrão.

Fossem diferentes as condições de produção, isto é, pudesse o texto ser retrabalhado em tranquilidade e sob orientação segura, e ter-se-ia, possivelmente, em (01), uma produção modelar do desempenho escrito de um concluinte do Segundo Ciclo do Ensino Fundamental.

Leia-se, a seguir, outro texto do corpus.

(02) **Preconceito eu, imaginal**

*Em nossa sociedade atual, quando se faz uma pesquisa a respeito de "preconceito" a grande maioria responde que isso não existe mais em nosso meio, que foi coisa do passado e que hoje em dia todos aceitam com muita naturalidade as minorias étnicas.*

*Infelizmente a realidade não é bem isso. Encontramos o tempo todo a nossa frente o preconceito sem máscara contra os aidéticos.*

*É muito comum vemos episódios de funcionários bem qualificados que são demitidos de seus trabalhos apenas por possuírem o vírus da aids. As pessoas têm medo da convivência com o aidético e sentem até mesmo o receio de tocar em um portador do vírus da aids. E o mais horrível de tudo isso é que ele precisa de muita atenção e muito carinho, mas na maioria das vezes acabam internados em clínicas solitários, sem ter nem mesmo a presença dos familiares no cotidiano de seu sofrimento.*

*Sinto-me muito triste com essa nossa realidade mas eu vou fazer a minha parte, procurando sempre conscientizar o meu semelhante de que não existem diferenças e tenho a esperança de que um dia o preconceito vai desaparecer da vida social de todo o mundo.*

Apesar do tom coloquial sugerido no título da redação, este é um trabalho de cunho nitidamente dissertativo, pelo seu conteúdo, sua estrutura e uso evidente da língua padrão.

Nas linhas introdutórias do texto, o aluno refere-se a declarações que ele considera correntes na sociedade e que indicam a crença de que práticas preconceituosas não mais existem: *Isso... foi coisa do passado...* Em seguida, entretanto, ele alinha exemplos e comentários que refutam tais declarações.

(03) *Encontramos o tempo todo... o preconceito... contra os aidéticos.*

(04) *... funcionários... são demitidos por possuírem o vírus da aids.*

(05) *As pessoas têm medo de conviver com os aidéticos.*

(06) *E o mais horrível é que ele (o aidético) precisa de... muito carinho...*

(07) *... mas acabam internados... sem nem a presença de familiares...*

Além de esses exemplos e comentários terem sido apresentados numa seqüência suficientemente lógica, de modo a propiciar uma leitura fácil e fluente do trabalho, eles também ilustram a adesão desse aluno ao tema de redação que lhe foi proposto: a demissão de trabalhadores contaminados pelo vírus HIV, um caso concreto de preconceito social.

O teor dessas duas partes da pequena dissertação – *introdução e desenvolvimento*, aquela dando a conhecer um pensamento tido pela

sociedade como verdadeiro, esta apresentando fatos que o contrariam e desautorizam – explicita a ironia que emana do título dado pelo estudante à sua composição: *Preconceito eu, imaginal*

Entretanto, pode-se considerar que há entre essas mesmas duas partes um certo descompasso. O fragmento de frase que fecha a introdução – *...que hoje em dia todos aceitam com muita facilidade as minorias étnicas...* – acaba particularizando, como ultrapassado, apenas um tipo de preconceito – contra as minorias étnicas – que em nenhum momento será retomado durante o desenvolvimento do texto. Como já se viu, esse desenvolvimento se fará a partir de um outro tipo de preconceito social: contra os portadores de determinada doença – a Aids.

A conclusão para suas reflexões, o autor a constrói revelando sentimentos e propósitos associados ao que foi exposto ao longo do trabalho, como se pode notar em

(08) *Sinto-me muito triste com essa nossa realidade...*

(09) *...mas eu vou fazer a minha parte...*

(10) *...e tenho esperança de que um dia...*

Esses sentimentos e propósitos estão relatados de maneira pertinente e conforme o bom senso: o sentimento negativo gera a ação, que vai gerar o sentimento positivo.

Na frase *...eu vou fazer a minha parte, procurando sempre conscientizar o meu semelhante de que não existem diferenças...*, porém, está contida uma afirmativa que chega a ser temerária: *...não existem diferenças...* Faltaram elementos determinantes à palavra *diferenças* para completar-lhe o sentido, restringindo-o adequadamente e explicitando a que tipo de diferença é negada existência.

Com relação à linguagem utilizada, prevalece o dialeto padrão escrito, usado com simplicidade, mas adequadamente, quase sempre. No entanto, notam-se os resquícios de construções coloquiais misturados ao tom formal, a começar pelo próprio título, que, aliás, foi bem apropriado ao conjunto do trabalho. Na introdução, a expressão *coisa do passado* lembra a descontração com que as pessoas às vezes respondem a quesitos de pesquisas. Em *E o mais horrível de tudo isso é que ele precisa muito de atenção...*, a quantificação aplicada ao adjetivo *horrível* lembra o falar descuidado próprio dos contextos familiares, ou, mesmo, o linguajar infantil. E, ainda, em *...tenho a esperança de que um dia o preconceito vai desaparecer da vida social...*, a locução verbal *vai desaparecer* é também muito característica da linguagem coloquial.

Quanto a problemas gramaticais, na frase *...ele precisa de muita atenção (...) mas na maioria das vezes acabam internados em clínicas solitários...*, há um flagrante desvio em relação às regras de concordância. Reconstituída nos moldes da sintaxe padrão, a frase ficaria: *...ele precisa de muita atenção (...) mas na maioria das vezes acaba internado em clínica solitário...*

O emprego dos sinais de pontuação, quase sempre razoável, em alguns poucos casos, mostra-se deficiente. Veja-se o título, por exemplo, escrito pelo estudante como: *Preconceito eu, imagina!*, que teria sua expressividade melhor marcada se se alterasse a pontuação no seguinte sentido: *Preconceito, eu? Imagina!* E, ainda, em *...acabam internados em clínicas solitários*, a leitura se faria mais fácil e compreensível se, além, é claro, das modificações de natureza sintática introduzidas na frase, houvesse uma pontuação explícita a ordenar a informação: *...acaba internado em clínicas, solitário*.

A ortografia oficial das palavras é quase integralmente respeitada. Apenas em *...procurando sempre **concientizar** o meu semelhante...*, a palavra *conscientizar* não foi grafada adequadamente.

Em suma, essa redação representa o mínimo que se pode esperar de alguém que está concluindo o Segundo Ciclo do Ensino Fundamental.

A partir da análise de (01) e (02), não seria temerário afirmar que alguns alunos – bem poucos, é verdade – são capazes de construir textos com bom nível de textualidade e com desempenho lingüístico satisfatório, ao terminarem esse Ciclo. Desafortunadamente, (01) e (02) destoam da grande maioria das redações analisadas e, portanto, não são representativas do *corpus*. A verdade é que a quase totalidade dos textos da amostragem revelam, em unísono, um quadro preocupante quanto ao ensino da língua pátria nas escolas públicas mineiras, ao exibirem graves desvios – observados nos mais diferentes níveis – que ferem os princípios subjacentes à concepção do que se considera um desempenho escrito aceitável de um aluno no nível de escolaridade em questão.

## 2. O DESEMPENHO COMO REALIDADE: UM CORO EM UNÍSSONO

### 2.1 As idéias expostas: o pensamento generalizado

É preciso observar que os dois temas escolhidos para as redações dos alunos de oitava série são, normalmente, muito ventilados pela mídia. Ambos os preconceitos – contra negros e contra aidéticos – têm sido bastante discutidos e exaustivamente repisados. Assim, os trabalhos ressentem-se dessa massificação que atinge tais assuntos e não contêm nada de original e criativo. As idéias apresentadas são as mais ouvidas e lidas, as mais absolutamente comuns. Muito poucos alunos chegaram a fazer considerações pessoais mais pertinentes, como as contidas no texto (01).

No entanto, é cabível perguntar se, na idade em que estão, esses estudantes poderiam, realmente, agir de forma diferente, encontrando um ângulo novo, um enfoque menos usado, ao tecer seus comentários. Trata-se de problemas demasiado profundos e complexos – envolvendo noções de

Medicina, Direito, Ética etc. – para quem tem ainda tão pouca experiência e conhecimento da vida. Nesse sentido, eis um depoimento – entre tantos – de um dos aprendizes da escrita:

(11) *Bem não sei direito o que dizer é complicado de entender.*

E um recado singelo deixado num canto de página, endereçado a um possível leitor – e censor:

(12) *Eu só sei isso.*

Para a maioria, repetir, manter-se na superfície talvez tenha sido a única saída possível. Os que, por algum motivo, tenham sido tocados pelos problemas configurados nos temas, esses, sim, puderam exprimir alguma emoção particular, como se observou em (01).

Os textos analisados revelaram a condenação praticamente unânime a atitudes preconceituosas, sejam elas quais forem.

(13) *Na minha opinião, para o Brasil deixar de ser um país subdesenvolvido e se tornar uma grande nação, o primeiro sentimento que deveria deixar de existir seria o preconceito. Preconceito não deve existir.*

Muitas vezes, no entanto, notou-se um certo ceticismo em relação à possível extinção dessas atitudes preconceituosas das pessoas.

(14) *Enquanto existir pessoas com essas idéias o problema nunca mesmo será resolvido.*

(15) *O preconceito continua e o que devemos fazer é tentar acabar com isso.*

(16) *E é assim que o nosso mundo é hoje em dia...*

Não faltou quem atribuisse ao governo certa responsabilidade no controle do preconceito em sociedade.

(17) *Mas se o governo interferise no assunto, assim poderia dizer que os que tem o vírus teria mais chance de entrar.*

(18) *Na minha opinião as autoridades deviam instituir uma lei que obrigasse as empresas a não demitirem os trabalhadores aidéticos.*

(19) *...e se alguém praticar este ato pode ser condenado ou processado por desrespeito a um ser humano que não tem culpa por ser de pele escura.*

Para posicionar-se contra o preconceito e sua face mais perversa – a discriminação –, a grande maioria dos estudantes a condena como injusta.

(20) *A discriminação é uma injustiça que fazem com os empregados brasileiros porque mesmo ele sendo portador da doença ele é humano como todas as pessoas.*

(21) *Por isso eu não acho justo uma pessoa fazer uma coisa dessa com um negro, porque o mesmo sangue que corre na veia de um homem branco corre na veia de um negro.*

(22) *Dizer que é justiça excluir quem está doente, é dizer que também é justo matar toda essa gente.*

E a injustiça inerente ao preconceito baseia-se, principalmente, em argumentos como os que seguem. Em primeiro lugar, a idéia é a de que *todos os seres humanos são intrinsecamente iguais. Portanto, ninguém, em nenhuma circunstância, em nenhum momento de sua vida, pode sofrer rebaixamento desse seu valor humano.* Exemplos de excertos em que se revela essa posição encontram-se em

(23) *As pessoa qui tem preconceito com outras é muito tristes porque agente somos todos iguais.*

(24) *Devemos pensar que as pessoas que sofrem preconceito é um ser humano como qualquer um.*

(25) *Uma pessoa independente de cor, raça religião seja o que for tem direitos iguais como qualquer ser humano.*

(26) *...não tem diferença entre pessoas são todos seres humanos e que tem um coração e muito sentimento.*

(27) *Todos somos iguais e irmãos e corremos os mesmos riscos.*

Em segundo lugar, acredita-se que o preconceito é inaceitável porque *não há culpa na doença – nem, evidentemente, na cor.*

(28) *Afinal temos sempre que lembrarmos que essas pessoas não escolheram esse viver.*

(29) *...desrespeito a um ser humano que não tem culpa por ser de pele escura.*

Muito freqüente nos textos examinados é a alusão a um poder maior, que instituiu e sustenta a igualdade entre os homens.

(30) *Perante Deus nosso pai, somos todos iguais.*

(31) *Aos olhos de Deus somos todos iguais pois somos a imagem e semelhança dele.*

E não convém transgredir o que está posto.

(32) *Enquanto os homens da terra não punem esses racistas, Deus estará aguardando a hora que cada um será punido por ele.*

(33) *...Deus o grande semeador, fará sua colheita.*

Especificamente, a discriminação da cor foi rejeitada por todos.

(34) *Como pode uma pessoa ser racista?*

(35) *Eu acho que esse negócio de racismo não está com nada.*

(36) *Onde já se viu não deixa-la uma pessoa negra entrar em um hotel?*

Alguns, entretanto, inconscientemente, se traem, revelando nas entrelinhas uma notável restrição aos indivíduos de cor negra.

(37) *Eu particularmente não sou racista e até prefiro alguns negros do que alguns brancos.*

(38) *Existem negros que não podem ser trocados por brancos.*

(39) *As pessoas escuras às vezes têm mais valores que algumas pessoas claras.*

Com relação ao episódio transcrito na proposta de trabalho para o noturno – uma cantora negra impedida de hospedar-se em um hotel, justamente por ser negra –, a maioria condenou tal situação.

(40) *Esse caso que aconteceu no hotel não é uma coisa justa.*

(41) *No caso da cantora... deveria ter sido considerado como um crime.*

(42) *Essa cantora deveria ter processado o hotel.*

(43) *O caso ocorrido com essa cidadã é mais uma vergonha para o nosso país.*

Mas há quem discorde dessa maneira de pensar.

(44) *...não dizer que ele (o dono) estava fora do seu direito, pois o hotel é sua propriedade particular e que ele recebe quem convém.*

Tratando-se do preconceito contra os aidéticos, a grande maioria mostrou-se também indignada.

(45) *Eu queria ver se o aidético fossem eles.*

(46) *Quando é que essa ignorância acabará? Quando viveremos numa sociedade onde todos soro-positivos ou não desfrutam no mais pleno sentido os direitos de ser cidadãos?*

Não poucos atribuem a grande incidência do preconceito contra os aidéticos à ignorância em relação à doença.

(47) *Uma grande parte da população ainda são carentes de informações a respeito dessa doença.*

(48) *O preconceito, muitas vezes, se deve a falta de informação o que leva as pessoas a pensarem que se pega Aids com qualquer tipo de contato como abraço...*

(49) *Na minha opinião esses atos provam apenas – pelos próprios atos – plena ignorância da sociedade.*

Mas há os que deixam passar certa prevenção contra esses doentes.

(50) *...pois um aidético por mais que ele seja crápula, precisa de cuidados.*

(51) *Por isso mesmo eu acho que os donos de empresa devem demitir pessoa com o vírus da Aids.*

(52) *Pois para mim um aidético não é uma pessoa tão monstruosa assim.*

Alguns justificam uma atitude reservada e prevenida para com tais pessoas.

(53) *Não precisam fazer isso com as pessoas que têm Aids. É só tomar muito cuidado quando chegar perto delas.*

Quanto às empresas que demitem aidéticos – fato que ilustra o tema endereçado ao diurno – foram quase sempre criticadas, nas redações.

(54) *Eu acho que as Empresas Brasileiras não devem fazer o que estão fazendo: demitir os trabalhadores que têm o vírus da Aids.*

(55) *...acho que as empresas estão completamente erradas ao demitirem pessoas com o vírus da Aids.*

Entretanto, há os que relutam em condená-las peremptoriamente.

(56) *As empresas não aceitam pessoas que tenham Aids. Eu também não sei como agiria diante de uma situação como essa.*

(57) *Será se é certo deixar um funcionário aidético em lugares onde existe pessoas saudáveis?*

(58) *As empresas não estão certas nem erradas.*

À atitude de rejeição ao comportamento preconceituoso vincula-se um conveniente discurso moralista que se traduz, basicamente, pelo lançamento de uma verdadeira coleção de preceitos.

(59) *Mas não devemos ser racistas.*

(60) *Temos de ser solitário (solidários) com as pessoas.*

(61) *Devemos procurar ajudar aqueles que nos ajudaram.*

(62) *Ajude um aidético a se sentir feliz.*

(63) *Devemos reunir em sociedade para combater o preconceito contra qualquer coisa.*

(64) *Precisamos viver como um povo unido na caridade, na paz, na justiça.*

(65) *Ama seu próximo como ele é e não o discrimina nunca.*

(66) *Em vez de fazer discriminações, ter um pensamento positivo em vez de ficar discriminando pessoas de sua cor.*

Ao preceituário seguem-se, muitas vezes, exortações, mais ou menos veementes, a uma ação imediata.

(67) *Lutemos contra esse preconceito.*

(68) *Vamos dizer não ao preconceito.*

(69) *Queridos brasileiros! Vamos mudar este quadro pois somos todos irmãos.*

(70) *Que esse Brasil acabe com essa miséria!*

(71) *Vamos parar com esse preconceito e passar nosso país a limpo.*

- (72) *Vamos mudar isso, contamos com vocês e não com rasismo.*  
(73) *Vamos lutar e não discutir. Valeu Brasil!*  
(74) *Vamos paramos de sermos egoistas de pensarmos só em nós mesmos, pois não vivemos sem a ajuda de ninguém.*

Se o preceituário for obedecido e as exortações concretizadas, aí, então, será possível chegar a um final feliz.

- (75) *E só assim vai ser que vamos conseguir afastar esse preconceito que existe no mundo.*  
(76) *Então acredito que esse preconceito vai acabar, vão ver que estão errados em dispensar essas pessoas.*  
(77) *Só assim vamos conseguir vencer.*  
(78) *Só assim eu diria que o problema chegará a uma resolução.*  
(79) *Depois disso, sim, podemos crescer.*

## **2.2 A exposição das idéias e a construção textual**

Algumas redações – representativas das distorções que ocorreram com maior freqüência no *corpus* – serão transcritas e comentadas a seguir. É preciso esclarecer, no entanto, que, no exame dessas redações, será enfatizado tão somente o desvio específico em foco.

### **2.2.1 A não-adequação ao tema proposto**

Um dos problemas mais comuns observados nos textos dos participantes da amostragem foi a falta de objetividade ao tema proposto.

Esse é o caso, por exemplo, do texto (80), cujo autor, nada tendo a dizer – ou não querendo dizer nada – sobre o assunto, foge completamente do tema e limita-se a escrever sobre o que lhe vem à cabeça no momento.

(80) **Oitavo Noturno**

*Estudar a noite sempre foi um grande problema para quem trabalha. Mais ou menos 75% dos alunos trabalham em diversas partes da cidade, e chegam em casa com o pouco tempo para se arrumar e ir para a escola, outros nem dão tempo para se arrumar e fazer um lanche, vem para a sua tarefa contando com a merenda escolar.*

*Senhor governo e demais do Congresso, poe a mão na cocienca e resolve de vez este problema, professores reclamando de baixo salário, e mais reclamão até do seu ambiente de trabalho, e nem sempre esse problema e solucionado.*

*E nós?*

*Nos tambem reclamamos da falta de assistência do colegio e diminuição da carga horaria.*

*É um pouco difícil mas não e impossivel, resolver essa situação, para que possamos ter um futuro plano pela frente mostramos aos nossos futuros jovens o verdadeiro sentido de ser estudante.*

Em (80), o autor fala da situação precária do estudante do noturno e aproveita a oportunidade para mandar um recado para o *Senhor governo e demais do Congresso*, reivindicando melhores condições de estudo para aqueles alunos que, depois de árduas horas de trabalho e correrias, têm que se sentar, com todo o cansaço da lida diurna, nos bancos de uma escola.

Há também aqueles exemplos – não menos raros – em que o aluno, desconsiderando por completo o tema proposto, lança mão de textos previamente elaborados e decorados para qualquer situação de escrita para a qual não se sinta preparado.

As redações (81) e (82) são bastante ilustrativas desse tipo de procedimento entre os componentes do universo pesquisado.

**(81) A questão do analfabetismo juntamente com o subdesenvolvimento**

*O Analfabetismo é um fato que contribui enormemente para o subdesenvolvimento, pois é impossível um país progredir com pessoas que não sabem assinar o próprio nome.*

*Não só o analfabetismo tem contribuído para o subdesenvolvimento, mas este, também contribui para o aumento de analfabetos no país, pois, um país de terceiro mundo não tem capacidade para dar educação adequada a toda a população.*

*Os analfabetos são pessoas completamente ignorantes, incapazes de tomar qualquer atitude que possa ajudar o país à crescer.*

*Esta questão pode, um dia, ser resolvida, mas para isso será preciso a ajuda dos governantes e do povo investindo na educação de hoje para que amanhã possamos ter um país melhor.*

**(82) Natal**

*Está chegando o Natal, dia em que se comemora o nascimento de Jesus. Em todo lugar é festa, com muitas luzes coloridas enfeitando e muitos presentes para alegrar as crianças e também os adultos.*

*O Natal, para quem pode dar e receber, será sempre um Natal feliz; pena que todos não tenham a mesma sorte, e fica feliz por apenas está com a família e ter uma refeição sadia e um bom banho quente. Noite feliz é o que muitos cantam e se ouve em todo lugar, mas será que é assim mesmo? Será que é uma noite feliz para quem não tem o que comer, com o que se cobrir para não sentir frio, uma casa onde possa se acobertar da chuva e do vento?*

*Claro? Que não é uma noite feliz.*

*Em cada constelação de estrela que se vê no céu, quase sempre forma o sonho de uma pessoa, de uma criança, de ganhar um presente, e este sonho se desmancha e voltamos à realidade de um Natal tristonho.*

Grande parte dos estudantes, ao redigirem suas redações, escreveram sobre preconceito, mas de uma maneira bastante generalizada, sem levar em consideração a notícia – incorporada às instruções – que deveria detonar a reflexão sobre essa distorção que aflige as minorias que são por ela atingidas.

O texto (83) é um exemplo desse tipo de problema. Nele, o preconceito é tratado de forma tão genérica que, a não ser pela frase *Eles querem ser alguém, trabalhar para tirar da história de suas vidas aquilo que carregam talvez desde a infância*. – argumento, aliás, equivocado, pois a cor da pele, normalmente, não muda com a ascensão social ou econômica – e pela breve alusão ao acontecido à cantora – *...é barrado com o ridículo preconceito* – fica difícil para o leitor determinar sobre qual dos dois temas o aluno escreveu: se sobre os portadores do vírus HIV ou se sobre os negros, e a discriminação de que ambos são vítimas.

**(83) Preconceito, um sentimento ridículo**

*Negros, pobres, doentes o que mais vai acontecer com eles? Além de sofrerem com o preconceito à si próprio, muitos ainda sofrem com o mundo lá fora. Pessoas que olham de lado, outras fazendo piada, zombando do sofrimento dos outros.*

*O preconceito não é só um sentimento ridículo, é também algo nojento e vergonhoso.*

*Mesmo com tudo isso, há pessoas que reúnem suas próprias forças lá do fundo da alma, dispostas a vencer, a seguir, com aquele brilho nos olhos que, logo, é barrado com o ridículo preconceito. Elas querem ser alguém; trabalhar para tirar da história de suas vidas, aquilo que carregam talvez desde a infância.*

*Mas nem todos tem a chance, porque existem pessoas sujas e mal preparadas pelo mundo que não as deixam seguir, deixando-as de mãos atadas.*

*Tenho nojo dessa situação e, acho o assunto um tanto quanto importante. É preciso agir, o preconceito tem que acabar!*

A não-adequação ao tema proposto também se observa em (84) – exemplo muito recorrente na amostragem –, redação em que o aluno fala sobre a AIDS, sem nem ao menos aludir ao preconceito a que cedem as empresas brasileiras, limitando-se a reafirmar para o leitor a fatalidade da doença e alertando-o para que se previna contra ela.

**(84) Um vírus que mata**

*O vírus que mais mata no Brasil é o vírus da Aids. Essa doença atinge milhões e milhões de brasileiros e quando alguém pega o vírus HIV está fudido, pois os cientistas ainda não descobriram nenhum remédio que acabe com a epidemia que tá tomando conta do país.*

*Mas tem alguns cuidados que as pessoas infectadas podem tomar para acabar com a epidemia. É só tranzarem com camisinha (sempre) não fazer sexo com pessoas contaminadas, e nunca, nunca mesmo usar a mesma seringa*

*Se todo mundo levassem a sério o que eu digo, daqui há pouco tempo a doença pode acabar de vez e o povo brasileiro pode respirar de novo sem medo de perder a vida, sem medo de ser feliz.*

### 2.2.2 A desobediência à tipologia do discurso

Não só a fuga total ou parcial do tema foi constatada, como também a desobediência à tipologia de discurso a ser observada. Devido ao teor das instruções – *diga o que você pensa, justifique suas opiniões* –, acreditava-se que o aluno conformaria o seu texto às exigências do discurso dissertativo. No entanto, não foi o que se verificou durante a análise das redações dos alunos que constituíram o universo pesquisado. A maioria deles parecia desconhecer o fato de que um texto deve adequar-se à situação de escrita e de que a não-observância dessa situação poderia conduzir a produções em desacordo com o objetivo pretendido.

Um número expressivo dos participantes da amostragem, não atendendo adequadamente às condições específicas do contexto situacional, escreveu textos que não correspondem ao tipo discursivo sugerido pelas instruções. (85), (86), (87), (88) e (89) são redações que ilustram esses desvios.

#### (85) A Aids está na minha vida

*Eu sou um garoto na flor da juventude com quinze anos moro com minha mãe, pois meu pai morreu em decorrência de idade.*

*Arranjei um emprego de office-boy num banco, pois precisava sustentar a família, com meu salário de R\$100,00 (cem reais). Minha mãe doente, gastava por remédio do meu salário de R\$20,00 à R\$30,00, agora com a conta de água e luz e uma enorme dívida do meu pai, do meu salário não sobra nada para mim. Vivo na miséria.*

*Agora cai mais uma desgraça na minha cabeça, sai com umas garotas, "não sabia que eram de programa", elas eram uns "aviões"; mas me dei mau elas eram aidéticas.*

*Demorei umas 4 semanas para desconfiar que eu era portador foi minha mãe que reparou isso, pois eu estava emagrecendo, com diarreia e etcéteras, tinha tudo para que o exame me acusasse, Fui ao médico e deu positivo.*

*Em decorrência dos exames, consultas e tal faltei uns dias no trabalho, porque meu chefe estava desconfiado porque não sou como era antes, tive que lhe mostrar os resultados dos exames, ele assustou.*

*Hoje estou no olho da rua minha mãe está internada, pelo que o médico falou, ela está nas últimas não tem recuperação vendi minha casa para pagar a dívida de meu pai. Hoje sou mais um moleque de rua, com meus 17 anos e meio...*

Em vez de tratar a questão do preconceito existente nas empresas contra os portadores do vírus HIV de forma – e na forma – dissertativa, o autor de (85) usou a imaginação e fez uma narrativa em primeira pessoa, criando uma história fictícia, uma autobiografia melodramática para – quem sabe? – comover o seu leitor.

Em (86), transcrito a seguir, o produtor do texto também opta pela forma narrativa, mas, ao contrário do autor de (85), decide-se pela terceira pessoa, contando a estória de Joana, a sonhadora, que, *não resistindo aos*

*trancos da realidade, morreu louca e infeliz – não seria uma contradição? – num subúrbio pobre de Losangeles.*

(86) **Um sonho pela metade**

*Era uma vez uma mulher chamada Joana. Joana era uma mulher negra e pobre, mas desde criança tinha um sonho, ser rica e famosa e se hospedar num hotel 5 \*\*\*\*\* na praia de Malibu.*

*Um belo dia, muito tempo depois, uns 20 anos mais ou menos Joana conseguiu realizar o seu grande sonho. Será queu disse realizar seu sonho? Desculpe pois me enganei, pois não é verdade. Joana conseguiu realizar só um pedaço de seu lindo sonho, pois foi barrada no hotel 5\*\*\*\*\* da praia de Malibu, depois de realizar o maior show de toda sua carreira de cantora.*

*Não aguentou o tranco, Joana não conseguiu encarar a realidade. Abandonou sua vida de estrela, voltou para o bairro pobre onde tinha nascido em Losangeles e lá atirou-se ao mar, morrendo louca, negra e infeliz.*

*Assim termina a história de Joana, a louca, que correu a vida inteira atrás de um sonho e so conseguiu realizar o sonho pela metade.*

Apesar de não se manter fiel à tipologia desejável do discurso, apesar das inúmeras infrações quanto ao dialeto padrão, o criador de (86) fez um texto razoavelmente interessante em que o jogo intertextual – talvez não pretendido –, remetendo o leitor a um programa de TV – *S.O.S. Malibu* – à *Joana, a louca*, de Manuel Bandeira e – *pasme-se!* – à *Ismália* de Alphonsus de Guimaraens, capta, sem dúvida, a simpatia do recebedor e grangeia sua cumplicidade para uma estória inverossímil.

(87) **(sem título)**

*Tudo ia muito bem, eu estava super alegre com a viagem que iria fazer as coisas pareciam estar calmas até que eu cheguei ao Palace Hotel em Minas e fui barrada, no começo não sabia do que se tratava, até que um senhor me disse, aqui neste hotel não hospedamos pessoas negras, aquilo para mim foi um absurdo tão grande que na hora não tive nenhuma reação, fiquei fora de mim. Aos poucos cai na real e vi que tudo aquilo que estava me acontecendo era verdade. Gostaria que fosse um sonho, infelizmente não era.*

*Fiquei super chateada com esta humilhação e difícil acreditar que no mundo exista pessoas tão mediocres, com mentalidade tão pequena a ponto de fazer uma pessoa sofrer tanto.*

*O racismo é uma coisa super ridícula, na minha opinião não existe pessoas diferentes e nem pior que as outras, todos nos somos iguais, não é pelo simples fato de algumas pessoas nascerem de cor escura, que ela seja mais feia, pior ou diferente das outras.*

A autora de (87) adota, também, o estilo autobiográfico e, colocando-se na pele da cantora negra, relata o episódio de que essa cantora fizera parte, através de uma narrativa entremeada de comentários pessoais. Observe-se, no

entanto, que o parágrafo que funciona como fecho da narrativa é, nitidamente, de caráter dissertativo, apesar das incursões da autora pela modalidade oral e das diversas infrações cometidas em relação ao dialeto padrão.

Assim – embora nas considerações de ROCCO (1981, p. 46) não haja discurso *puro sangue*, pois a apreensão da realidade se faz globalmente pelo pensamento e pela linguagem, e não em compartimentos estanques – pode-se considerar (87) um texto de tipologia mista e muito representativo da amostragem analisada.

Ainda fugindo à tipologia sugerida nas instruções, foram encontrados outros textos de caráter misto – narrativo/dissertativo –, mas em forma de poema, de que (88) é um exemplo muito ilustrativo, pois não faltou, no *corpus*, quem incursionasse pelo terreno da poesia, aliás, com o mesmo insucesso do autor de (88).

(88) **O que importa é a cor interna**  
*A pouco tempo num hotel,  
Uma cantora negra foi-se hospedar,  
Chegou na balconista e perguntou  
Se havia um quarto disponível para ela ficar.  
Rapidamente a balconista disse que  
Para ela não havia lugar,  
Pois ela era uma negra  
E que nem uma noite, não podia passar.  
A cantora negra saiu rapidamente  
Com lágrima escorrendo pelo seu rosto,  
Saiu triste, muito triste,  
De tanto desgosto.  
Passou alguns dias e ela está triste,...  
Passou alguns meses e ela está triste,...  
Mas depois ela refletiu,  
E sentiu, que a aparência externa não importa, mas sim a interna.  
O que importa não é a cor,  
Mas a pureza do coração,  
A transparência da alma,  
Não era ela ser brava,  
Mas sim calma...  
Por que o que vale  
Não é se houve discriminação,  
Pois não devemos guardar rancores  
No nosso coração,  
Devemos aprender com o que houve  
E não mostrar nenhuma reação.*

Foram muito freqüentes, na amostra analisada, redações que não se encaixaram em nenhum dos tipos considerados até agora. A esse novo tipo de texto – muitas vezes um amontoado de frases soltas e desconexas, como

ocorre em (89) – ROCCO (1981) deu o nome de *discurso indefinido*. Veja-se o exemplo

(89) **A Cor purpura**

*Muitas pessoas dizem que não são racistas, mas os acontecimentos a condenam.*

*A cantora que foi impedida de entrar no hotel devido a sua cor.*

*O que seria do mundo sem a cor purpura?*

*Ezistem negros com habilidades quase impossiveis, que um homem branco jamais poderiam fazer.*

*A discriminação continua por toda parte, o negro quando nasce pobre, infelizmente na maioria das vezes, é seu destino morrer pobre!*

*O que seria o mundo sem a cor purpura?*

*Os negros foram os primeiros habitantes do planeta terra.*

*É muito dificiu encontrar um ser humano que não é racista, em muitos casos pode-se encontrar um negro com vergonha de sua propria cor.*

*Na minha opinião, cada pessoa tem que ter orgulho do que é e não o que os outros pessão.*

*O que seria do carnaval sem os negros?*

*Aliás, o mundo so viverá em páz enquanto houver alegria.*

Difícilmente pode-se reconhecer em (89) uma tipologia definida, devido à inexistência de um fio condutor que dê continuidade às idéias. Essas são jogadas aleatoriamente no papel, sem haver, da parte do seu produtor, a mínima preocupação em organizá-las num todo significativo para, assim, facilitar a interlocução com o pretendido leitor.

Foram, também, muito recorrentes, no *corpus*, textos em que o aluno se limita a escrever sobre a AIDS, descrevendo-lhe os sintomas, as formas de transmissão, os meios de prevenção e alertando o leitor contra uma possível contaminação. A redação (90) representa uma série de muitas outras – todas exasperadamente iguais – encontradas na amostragem.

(90) **A Aids**

*O que é a Aids? Como é transmitida? Qual a prevenção?*

*A Aids é uma doença incurável que mata muitas pessoas. No Brasil a Aids recebe o nome de Sida porque isso é uma sigla que em Português significa Síndrome Imunológica de Deficiência Adquirida.*

*Quando uma pessoa está com Sida tem diarreia, vomita muito, aparece feridinhas por todo corpo. Além disso o cabelo cai e a pessoa emagrece muito. No final o doente morre mesmo, porque a Aids ou Sida MATA!!!  
O vírus HIV é transmitido pelo contato sexual, sangue seringas e material con taminado.*

*Pode-se prevenir a doença usando somente agulhas e seringas esterilizados, usando camisinha nos contatos sexuais. Outro fator muito importante é não manter relações sexuais com vários parceiros.*

*Portanto: # NÃO TRANSE SEM CAMISINHA*

*# NÃO TROQUE DE PARCEIROS*

*# NÃO USE SERINGAS DE PESSOAS CONTAMINADAS*

# NÃO FAÇA SEXO COM PESSOAS PROMÍSCUAS  
*Cuidado com a Aids ou com a Sida senão a próxima vítima será você!!*

Em (90), percebe-se que, a partir do título, a proposta do aluno é falar sobre a AIDS. E é realmente o que ele faz, através de um discurso decorado, repetindo, da primeira à última linha, informações mínimas que todos devem saber.

### 2.2.3 A não-observância do modelo canônico

Na análise dos textos da amostragem, um outro aspecto que, também, chamou muito a atenção foi o fato de que os alunos, na sua quase totalidade, ainda não dominam as técnicas de produção de um texto dissertativo. Talvez isso se explique por não terem sido expostos a produções desse tipo por tempo suficiente a fim de assimilarem as regras subjacentes a essa modalidade de escrita.

Como conseqüência dessa pouca familiaridade com a escrita dissertativa, verificaram-se muito freqüentes as redações cujo texto não se distribuía nas três partes canônicas tradicionais – *introdução, desenvolvimento e conclusão*. A algumas – como em (91) – falta literalmente a introdução e o autor começa, abruptamente, pelo desenvolvimento.

(91) **Descriminação por causa da cor**

*Primeiro porque onde essa cantora fora hospedar-se havia uma enorme barreira, que é o preconceito. Depois porque os seus dirigentes não eram educados o suficiente para eliminar dentro de si mesmo esse preconceito. E também porque devem pensar que são superiores por possuírem pele mais clara e se esquecem que para Deus, nosso pai e criador, não há diferença entre preto e branco porque foram todos feito do mesmo barro.*

*Essas coisas são sempre muito tristes porque as pessoas não tem culpa da cor da sua pele pois é uma coisa que nasce com elas contra a vontade delas e elas tem que viver com isso pelo resto de sua vida.*

*Mas eu espero que as pessoas concientizem desse preconceito e que nunca mais ostilisem um negro por causa de sua falta de cor e ai todo mundo poderá dizer: discriminação por causa da cor nunca mais.*

*Descriminação por causa da cor* ilustra o caso em que o emissor não explicita para o receptor uma proposta de comunicação. Isso, sem dúvida alguma, dificulta a interlocução entre eles, uma vez que o leitor terá que ir reconstituindo, por conta própria, um parágrafo introdutório do qual a seqüência de causais, que abre o texto, constituirá o desenvolvimento.

Outras vezes, o emissor parece responder a uma suposta pergunta, feita na proposta de escrita, como em

(92) **O Racismo**

*O que eu acho sobre o caso dessa cantora qui foi empedida de hospeda-lo no hotel foi muito em justo so por causa da cor dela.*

*As pessoa qui tem preconceito com outras é muito tristes porque agente somos todos iguais, seja de raca qui for seja branca seja preta Uma pessoa qui seja de cor preta ate para aruma emprego entra numa sociedade entra em outros lugares ela e rejeita por causa da cor.*

*No Brasil ainda tem racismo, porque eu ja vir fala muito qui aqui a raça negra e muito prejudicada.*

*Eu acho qui podia a caba com isto porque agente não e deste mundo e o mundo não e nos.*

*A Raça negra e igual os brancos tem o mesmo sangue so por causa de que qui e diferente?*

*Na minha opinião e qui o racismo e uma coisa muito triste e dés humanos.*

Em *O Racismo* – texto (92) – tem-se uma outra variante do desvio em pauta neste tópico. Nesse caso, o emissor age como se o seu pretendido recebedor tivesse tido acesso às instruções de escrita. Ao *Diga o que você pensa e justifique suas opiniões*, o autor deu, prontamente, a sua resposta: *O que eu acho sobre o caso dessa cantora qui foi impedida de hospeda-lo no hotel foi muito em justo so por causa da cor dela.*

À semelhança do que acontece em (92), a redação (93) se inicia com um período que tenta, também, responder a um questionamento, desta vez, explicitado no título – *A inda há racismo?*

(93) **A inda há rasismo?**

*Claro que sim. Pis eu mesma ja senti na pele, pois sou negra.*

*Talves não so por parte dos brancos mas de nos negros mesmo.*

*Se vou a um lugar onde tem mais branco fico constrangida, achando que todos estão me olhando reparando em mim talvez até coxixando.*

*Mas também ja fui humilhada muitas vezes, por brancos na escola, na rua e até no trabalho.*

*É uma pena que ainda, haja rasismo pois todos devia perceber que cor não tem nada a ver com as pessoas, o que importa e o coração a mente a integridade.*

*Tenho esperaça, que um dia isto acabe que meus filhos não passe por isto que passei, quando chegar sua vez a humanidade esteja mais humana mais amiga mais justa e com isto acabe com a desigualdade raciau, e descubra que todos somos iguais independente de cor.*

E, como em (92), o autor de (93) se apressa em responder à sua própria indagação, ainda com mais ênfase do que o faz o responsável pelo texto anterior: *Claro que sim. Pis eu mesma ja senti na pele pois sou negra.* E o desenvolvimento prossegue, através de uma série de parágrafos que tentam dar suporte à afirmação inicial.

Não faltaram, ainda, ao *corpus* examinado exemplos de redações cujo desenvolvimento não se coaduna com a idéia expressa na introdução. Esse é o caso de (94), em que as afirmações contidas no parágrafo introdutório não encontram suporte nos seguintes. Na verdade, a ruptura entre eles é tão abrupta que se tem a impressão de que uma nova redação se inicia a partir do segundo parágrafo.

(94) **Preconceito contra o Vírus**

*As empresas brasileiras têm muito preconceito e demitem sem nenhuma pena o empregado que contém o vírus da Aids. Isto acontece porque o aidético não produz como uma pessoa normal e dá muito prejuizo as empresas.*

*A Aids é uma doença muito violenta e os cientistas ainda não descobriram nenhum remédio que acaba de vez com ela, porisso essa doença que ja está acabando com um quinto do planeta ainda vai acabar com toda a nossa humanidade.*

*Mas se tomamos com ela os cuidados para não se contaminar como: não beijar uma pessoa com Aids, e muito menos abraçar, não fazer sexo com muitos parceiros, e usar sempre a camisinha e não usar seringas infectadas no uso de drogas daqui a algum tempo essa doença pode ser acabada.*

*Sabendo o que tem que fazer para não pegar essa doença que é a peste negra do século 20, nós brasileiros, devemos ter mais cuidados para que ela não se alastre e assim de mãos dadas e com fé em Deus, nós Brasileiros poderemos ser felizes.*

Foram raros os textos que não apresentaram explicitamente uma conclusão, como é o caso de (95) – transcrito a seguir –, em que o último parágrafo não cumpriu o seu papel: dar ao texto um fecho condizente com a sua função.

(95) **Mundo Ção**

*No mundo que vivemos há muita injustiça social pois as pessoas não se importa com o seu irmão, seu semelhante e se esquece que Deus fez todos os homens da mesma maneira e seu filho pregou que todo mundo é igual.*

*Mas os empresários parecem não saber disso e continuam discriminando os aidéticos das suas empresas, demitindo quem contém a doença e não se incomoda se ele tem mulher e filhos para sustentar.*

*As empresas só querem ter mais lucro e pra eles uma pessoa contaminada com o vírus da Aids pode causar um monte de problemas como diminuir os lucros da empresa e contaminar as pessoas sadias que trabalham lá.*

*Mas não é só as empresas que discriminam os aidéticos, as escolas, a faculdade, os amigos e até mesmo os parentes não aceitam os doentes com Aids e isolam eles sem nenhuma consideração.*

A não ser pela descontinuidade causada pela ausência de conclusão, pela interferência da oralidade – observada principalmente na inadequação vocabular – e por alguns deslizes no tocante à língua padrão, não se pode afirmar que (95) seja um mau texto e muito menos que seja irrecuperável. A verdade é que ele se mantém fiel ao tema e ao título, possui progressão – em cada parágrafo há uma informação nova – e o fio condutor do texto mantém-se até o último parágrafo.

Foram às centenas os trabalhos em que, como em (96), o redator, sentindo dificuldade em concluir o seu discurso, se apropria, por exemplo, de um desses *slogans* de que a mídia abusa tão freqüentemente em suas campanhas. Veja-se a conclusão de *Diga não ao preconceito*.

(96) **Diga não para o preconceito**

*O preconceito de qualquer espécie é sempre uma coisa muito triste e que deve desaparecer entre a raça humana. O preconceito é ainda mais triste quando é dirigido para uma pessoa que não sabe se defender, como é o caso de aidéticos que são despedidos pelos seus patrões das maiorias das empresas brasileiras.*

*As razões que levam os empresários a despedir os portadores do vírus HIV não encontra apoio na justiça e por isso muitos aidéticos entram na justiça contra essas empresas. Um filme com Thom Hancks, chamado *Philadelphia* conta a história de um aidético discriminado que entra na justiça contra os seus patrões e ganha.*

*Se a Aids não é transmitida por simples contato físico, se o aidético não perde sua força de trabalho quando pega o vírus então porque ser despedido quando descobrem que ele contém o vírus?*

*Isto acontece porque o patrão tem medo dos prejuízos que um aidético pode trazer para sua empresa, com tratamento médico ou com aposentadoria precocosa.*

*Aids, a próxima vítima pode ser você!!!*

(96) não é, também, um mau texto. Comparado a seus pares, o seu autor exibe um nível razoável de informação: sabe de *Philadelphia*, tem consciência dos direitos civis do cidadão e intui outras causas possíveis que podem justificar a demissão, nas empresas, dos portadores do vírus HIV. Além disso, o texto possui qualidades que o legitimam como tal: fidelidade ao tema, coerência e consistência argumentativa, progressão e, não obstante o *slogan* global e a ausência de alguns conectores necessários à amarração das partes, continuidade.

Submetido a uma reescritura cuidadosa, (96) poderia tornar-se um texto razoável, bastando para isso, além de outros ajustes, a construção de um parágrafo intermediário, estabelecendo uma ligação entre os dois últimos, a fim de dar sentido à advertência final: *Aids! A próxima vítima pode ser você!!!*

Há casos em que a conclusão é inteiramente imprópria, pois não guarda nenhuma relação com o todo que a precede, como se nota em (97).

**(97) Socorro! Estou só em meio a tantos corações de gelo**

*Temos que enfrentar uma realidade que assusta e cresce a cada dia: O preconceito em relação aos aidéticos. O preconceito, na maioria das vezes, não é devido ao fato do indivíduo possuir o vírus HIV, mas sim pela idéia de que o mesmo indivíduo já praticou um "comportamento de risco" (tranzar com vários parceiros sem usar camisinha, usar drogas compartilhando a mesma seringa)*

*Talvez o preconceito seja uma maneira que o homem achou certa para lutar contra algo que ainda não conseguiu vencer, se é que podemos chamar o preconceito de "luta".*

*Para com os portadores do vírus HIV, carinho, compreensão, solidariedade não é mais que obrigação do homem que quer servir ao bem da humanidade. Sendo assim, o patrão que demite o empregado portador do vírus HIV, além de não cumprir seu papel de cidadão, ele joga fora a integridade da sociedade, pois ser aidético hoje em dia não é só ter o vírus e simplesmente adoecer, é também sentir-se frágil ao preconceito, discriminado por todos e sozinho em meio a uma multidão de pessoas de gelo.*

*Bem, se pensares que sou aidética para escrever com tanta indignação sobre o preconceito, saibas que não sou, pois se eu fosse não me dariam o direito de escrever sobre o assunto.*

É interessante observar que, ao declarar, na introdução de seu texto, que o preconceito contra o aidético resulta do tipo de comportamento praticado pelo indivíduo portador da doença e não propriamente da doença, a autora de (97) sinaliza para o leitor que pensa diferente da grande massa padronizada que constitui o universo em exame. No entanto, parece faltar a essa autora fôlego suficiente para desenvolver essa promessa de originalidade e ela, cedendo a generalizações carregadas de emoção, abandona aquele que prometia ser um rico filão.

Ademais, o que deveria ser a conclusão do texto, por sua vez, não retoma as reflexões desenvolvidas no corpo da redação e, portanto, não cumpre a sua função: a de representar um fechamento das idéias do emissor. O receptor fica, então, sem saber aonde o emissor de (97) queria chegar.

#### **2.2.4 A infração a condições de textualidade**

Tomando por base certas condições de textualidade fixadas por COSTA VAL (1991) – continuidade, articulação, progressão, consistência argumentativa, não-contradição – serão transcritas a seguir algumas redações. Cada uma delas ilustra infrações observadas com maior frequência no *corpus*.

(98) **Preconceito**

*Preconceito para mim é uma coisa que nunca deveria existir porque as pessoas não tem culpa de nascerem negra. Quem é negro é negro e elas tem que viver com isso e sofrer por causa disso.*

*O preconceito contra os negros surgiu no Brasil a muitos anos, na época que Cabral chegou nas nossas praias e daí prá frente, o negro nunca mais teve socego. Foi caçado, preso e obrigado a trabalhar sem descanso.*

*O racismo vai existir sempre e agente não pode fazer nada porque como Deus fez o negro, ele fez também os racistas e se ele não pode mudar as coisas, nós é que vamos fazer isto?*

Além do fatalismo e da descrença em relação à raça humana, explicitados no primeiro e no último parágrafos, da inverdade histórica, contida no segundo parágrafo, e da contradição interna entre o primeiro e o segundo períodos do texto, (98) chama a atenção, principalmente, pelos desvios na continuidade. A ruptura entre os parágrafos poderia ser eliminada através de uma reescrita cuidadosa, em que o autor preencheria as lacunas entre os parágrafos, a fim de atribuir unidade de sentido à redação.

Leia-se, a seguir

(99) **A Discriminação contra a cor negra**

*Devido o acontecimento de uma jovem que por causa de sua cor negra foi impedida de ser hospedado num hotel.*

*A jovem negra teve que passa por grande humilhações por um branco.*

*No Brasil geralmente muitas pessoas da cor negra não tem discriminação. O Branco não gosta do negro porque eles falam que a cor negra fede, cheira mal, etc...*

*Eu sou contra a discriminação porque neste mundo todos são filhos de Deus.*

*O Brasileiro tem fama de que o branco ser melhor que o negro.*

*No entanto, a discriminação da cor negra foi um fato muito falado não só como no Brasil, mais em vários outros paises como nos Estados Unidos.*

*A discriminação nos Estados Unidos não podia entra negros, Por que so viviam jovens da Cor Branca.*

*Mas uma brasileira ser discriminada por várias outras pessoas só por causa da cor negra.*

*Olha, no meu caso eu sou negra não ligo o que os outros falam, mas eu luto por meus idéais.*

Em (99), o autor, ao que parece, não se preocupou em refletir sobre o tema proposto, não se ocupou da seleção das idéias mais relevantes para encadeá-las, a fim de construir seu texto. Ao contrário, despejou, no papel, um jorro desconexo de idéias, traduzidas, na maioria dos casos, por frases incompletas e desarticuladas. Esse autor, como os demais participantes da OITAVA/95, parece não ter sido conscientizado de que a escrita se realiza

através de um processo cujo primeiro passo é o planejamento e o último, a revisão. O desconhecimento dessas etapas e o domínio precário do dialeto padrão são, provavelmente, os principais responsáveis por esse emaranhado caótico de frases, do início ao final de um texto quase ininteligível, cuja marca mais saliente é a desarticulação.

Ainda a ser discutida é a produção que segue.

(100) **Uma cantora negra**

*Há pouco tempo atrás foi divulgada uma notícia desagradável de que uma cantora negra que foi impedida de se hospedar.*

*A respeito dessa notícia que vimos a algum tempo atrás, não foi muito agradável, pois acho que não podemos ser racistas, devemos aceitar as pessoas do jeito que eles são, seja quem ela for.*

*As pessoas não podem ser racista e não aceita as pessoas como elas são. Ela deve ter ficado muito triste quando soube que não podia se hospedar.*

*Estas pessoas foram muito egoísta com a cantora, ela deve de ter sentido muita tristeza diante dessas pessoas.*

*As pessoas não sentiram nem um pouquinho de consideração com a pobre da cantora. Essas pessoas não deviam ter feito o que fez, barrar uma cantora na porta do hotel so porque era negra? As mesma deveriam ter aceitado ela como ela é. Achei isto uma falta de consideração.*

Além de outros problemas em diferentes níveis – vocabulário pobre e repetitivo, argumentação praticamente inexistente, inumeráveis infrações no que diz respeito ao dialeto padrão – a circularidade é um dos mais graves defeitos do texto (100). Nele, o emissor se limita a dar voltas em torno de algumas poucas idéias, que poderiam ser resumidas da maneira seguinte: *Não se deve ser racista, pois o preconceito é um sentimento desprezível que fere as pessoas e as torna infelizes.*

Retome-se, agora, o texto que segue.

(83) **Preconceito, um sentimento ridículo**

*Negros, pobres, doentes o que mais vai acontecer com eles? Além de sofrerem com o preconceito à si próprio, muitos ainda sofrem com o mundo lá fora. Pessoas que olham de lado, outras fazendo piada, zombando do sofrimento dos outros.*

*O preconceito não é só um sentimento ridículo, é também algo nojento e vergonhoso.*

*Mesmo com tudo isso, há pessoas que reúnem suas próprias forças lá do fundo da alma, dispostas à vencer, à seguir, com aquele brilho nos olhos que, logo, é barrado com o ridículo preconceito. Elas querem ser alguém; trabalhar para tirar da história de suas vidas, aquilo que carregam talvez desde a infância.*

*Mas nem todos tem a chance, porque existem pessoas sujas e mal preparadas pelo mundo que não as deixam seguir, deixando-as de mãos atadas.*

*Tenho nojo dessa situação e, acho o assunto um tanto quanto importante. É preciso agir, o preconceito tem que acabar!*

Além de não se orientar pelas instruções apresentadas na proposta de redação, (83) peca pela fraca argumentação, como se pode comprovar, por exemplo, no primeiro parágrafo, que se dilui devido à má estruturação do pensamento. No segundo parágrafo, por seu turno, só há o tópico frasal que não se faz acompanhar por um comentário que lhe dê sustentação. O princípio de uma argumentação, que se vislumbra no terceiro parágrafo, é uma tentativa pouco explícita – e provavelmente equivocada – de discorrer sobre o problema do preconceito, como já se apontou anteriormente<sup>6</sup>. No quarto e quinto parágrafos, o autor do texto repete, indignadamente, o que afirmou no primeiro. E o texto se fecha com a frase *É preciso agir, o preconceito tem que acabar!* que, em tom apelativo, denota pobreza de idéias e de repertório vocabular.

Observe-se o texto que segue.

**(101) A Discriminação está em toda parte**

*Hoje em dia não é como antigamente, aqueles terríveis momentos de discriminação contra negro é passado, mais infelizmente nos dias de hoje ainda vemos isto acontecer. Algumas pessoas respeitam os seres que tem a cor escura, mas outros pelo contrário jamais irão respeitar.*

*Em todos os lugares que vamos, nós vemos pessoas escura normalmente como vemos os brancos que são pessoas de caráter que às vezes um branco não é.*

*A discriminação aos poucos está crescendo e não sabemos quando vai parar.*

*Os negros que são rejeitados, se sentem muito humilhados e com isso alguns tomam raiva de sua própria cor.*

*Em todo mundo existem pessoas de cor diferenciada, mas para Deus isso não importa, somos todos iguais sem distinção.*

*Quando Deus criou o mundo, ele criou o negro e o branco sem discriminação. Mas o homem branco por às vezes não ter escrúpulo discrimina o negro, só por causa da diferença de cor. Chegará um dia em que o negro será respeitado não pela sua cor, "mas pelo ser humano que é!"*

Além de apresentar outros problemas também bastante sérios – adesão apenas parcial à proposta de escrita, baixa informatividade, descontinuidade, não-progressão, desvios quanto à gramática do dialeto padrão –, (101) chama a atenção pelas contradições que perpassam todo o texto, do primeiro ao último parágrafo.

A idéia inicial lançada pelo título – *A Discriminação está em toda parte* – prepara o leitor para um texto que deveria ordenar-se segundo uma perspectiva espacial. No entanto, logo de início, o período introdutório da

<sup>6</sup> Ver Seção 2.2.1, p. 18, deste Relatório.

redação contradiz essa expectativa quanto ao tratamento do assunto em pauta. Observe-se que *Hoje em dia não é como antigamente, aqueles terríveis momentos de discriminação e de escravidão contra negro é passado...* parece encaminhar-se na direção *temporal* e não *espacial*.

Ainda no mesmo período, após declarar que a discriminação contra o negro faz parte do passado, o autor de (101) afirma, numa nova e flagrante contradição, *...que nos dias de hoje ainda vemos isto (aqueles terríveis momentos de discriminação e de escravidão contra negro é passado) acontecer.*

No segundo parágrafo, o precário domínio da língua padrão pode levar a uma leitura contraditória, uma vez que é possível interpretar esse trecho como afirmando, ao mesmo tempo, que os *brancos são pessoas de caráter* e, também, que *um branco às vezes não é...* Afinal, para o autor de (101), os *brancos são pessoas de caráter* ou não? São permitidas outras leituras para a passagem em foco, mas, exatamente por não se apresentar numa linguagem precisa, fica difícil saber exatamente aquilo que seu autor pretendia dizer.

O início do parágrafo seguinte – *A discriminação aos poucos está crescendo* – vem corroborar a contradição já detectada anteriormente entre as idéias que compõem o período inicial de (101). Naquela passagem, o autor do texto parecia indeciso entre pensar – e afirmar – duas idéias opostas: já não há mais discriminação contra os negros e, ao mesmo tempo, *nos dias de hoje ainda vemos isto acontecer...*

Além disso, nova contradição se configura: ao declarar, no penúltimo parágrafo, que *Em todo mundo existem pessoas de cor diferenciada*, o autor nega, de antemão, o que afirmará logo em seguida, pois, segundo suas próprias palavras, *somos todos iguais sem distinção.*

Assim, de contradição em contradição, o produtor de (101) vai-se repetindo, num texto que não progride, que nada diz, até atingir o último período, no qual reside a contradição maior: *Chegará um dia em que o negro será respeitado não pela sua cor, "mas pelo ser humano que é".* Esse fecho – em que se vaticina para o negro um futuro *respeitável* – permite mais de uma leitura. Se se opta por interpretar a passagem como *Chegará um dia em que o negro será respeitado pelo ser humano que é, independentemente de sua cor*, o aluno-autor não se deu conta de quão preconceituosa pode ser a sua fala. Se, por outro lado, se lê *Chegará o dia em que o negro não será mais respeitado pela sua cor, mas pelo ser humano que é*, esse aluno incorreu numa enorme contradição de conteúdo, uma vez que ele parece ter tentado mostrar, ao longo de seu texto, de maneira pouco eficiente – é verdade – o preconceito de que o negro é vítima por causa de sua cor e termina negando todas as suas declarações anteriores.

Na verdade, a impressão que permanece, ao se terminar a leitura de (101), é a de que o seu produtor não possui informações suficientes para desenvolver o tema que lhe foi proposto e, empenhando-se num esforço que

vai além de sua capacidade, produz um arremedo de dissertação, no qual se confunde, se repete, se contradiz. A não-correspondência entre tema proposto e texto produzido, as descontinuidades freqüentes, a circularidade das declarações, as contradições apontadas, aliadas ao fraco domínio do dialeto padrão são reveladores da falta de amadurecimento lingüístico desse aluno, que representa a precariedade do atual sistema escolar.

### 2.3 A exposição das idéias e a estruturação dos períodos

Unidades que funcionam para o texto como os tijolos para uma edificação, ou como os nós que atam os cordões que formam as redes, os períodos, no caso das redações examinadas, denunciam dificuldades semelhantes às já detectadas em relação aos trabalhos considerados como um todo.

Tais problemas parecem decorrer de dois fatores principais. Em primeiro lugar, nota-se a falta de traquejo dos estudantes em expor logicamente o que pensam, de maneira clara, ainda que simples. Não se preocupam em arranjar as idéias que selecionaram numa seqüência organizada e facilmente inteligível. Em segundo lugar, o que se pôde concluir é que, embora se tenha percebido progresso na assimilação e emprego das estruturas sintáticas mais complexas – como o uso de vários processos de subordinação – o domínio da língua padrão por esses alunos ainda não atingiu o nível desejável e esperado. Esse desnível prejudica a expressão correta do pensamento, restringindo o conhecimento dos recursos – inúmeros – que a língua oferece, para uma exposição adequada e precisa das idéias.

Veja-se, por exemplo, o que é transcrito em (102) e (103).

(102) *É muito raro encontrarmos pessoas afim de ceder a palavra ajuda ou compreensão, principalmente no assunto ligado a Aids que sempre foi um grande desafio e debate entre jovens, que, no qual ainda não encontramos a maneira propícia a derrubar essa Barreira que está atingindo cada vez mais pessoas pelas quais nunca esperamos, que poderia ter essa doença. Infelizmente quando atingidos.*

(103) *As pessoas portadoras do vírus merecem o apoio ou o carinho das pessoas, e elas na hora que estão mais precisando do carinho dos outros, eles desprezam, machucam, isolam e magoam as pessoas que contem do vírus HIV, porque as outras acham que os aidéticos não deveriam viver como uma pessoas normal, só porque são doentes, eles pensam que aquela pessoa irá transmitir de algum jeito o vírus.*

(102) e (103) compõem-se de conjuntos de informações mal codificadas e mal concatenadas, amontoadas em períodos demasiado extensos, tornados confusos e trabalhosos à leitura. Apresentam-se como um aglomerado de problemas de várias naturezas, que vão desde o uso repetitivo e inadequado de palavras até a inobservância de diferentes regras de sintaxe próprias da língua escrita.

Felizmente, períodos como esses não são a maioria nas redações analisadas. Mesmo assim, são muito mais numerosos do que seria de desejar.

Observa-se, a seguir, a longa lista dos vários e diferentes exemplos que comprovam a existência de problemas básicos – de pensamento e de uso da língua – anteriormente citados apenas de maneira genérica.

(104) *Vamos conseguir varrer do mundo essa doença (a Aids) horrível e sem fim.*

(105) *Isto (o preconceito) realmente não deveria existir porque cor não justifica nada vale é o caráter das pessoas e suas aparências.*

(106) *Eu particularmente adoro a minha cor não por ser morena, mas por não ser preta, não tenho preconceito.*

(107) *Cor não tem nada a ver, só depende do sentido crítico de cada um.*

(104), (105), (106) e (107) têm em comum o fato de exibirem contradições que deveriam ser perceptíveis a um leitor – portanto, a um escritor – atento.

Em (104), se se afirma que *essa doença é sem fim*, então não haverá como *varrê-la do mundo*. Observe-se que, na comunicação verbal oral, esse tipo de contradição costuma acontecer. Não é difícil encontrar alguém que diga algo como: *Acabe logo com essa lenga lenga sem fim*. Mas o trabalho dissertativo, na sua evidente formalidade, deve estar isento, inclusive, dessas ilogicidades, que podem aparecer, sem causar problemas, em situação coloquial.

Em (105), depois de se ter declarado que *a cor não justifica o preconceito*, dá-se a entender que a aparência das pessoas é tão válida quanto seu caráter: *...vale é o caráter das pessoas e suas aparências*. Ora, sendo um dos elementos básicos da aparência das pessoas, a cor de alguém pode acabar justificando, em algum momento, uma idiosincrasia, ou um preconceito.

Em (106), o autor exime-se de qualquer preconceito de cor, escrevendo exatamente: *...não tenho preconceito*. Anteriormente, no entanto, havia expressado grande simpatia pela sua própria cor, justamente pelo fato de não ser negra: *...adoro a minha cor... por não ser preta*.

Em (107), se, como quer o autor, valorizar uma pessoa pela cor não tem, absolutamente, razão de ser – *cor não tem nada a ver* – então, nem mesmo *ao sentido crítico de cada um* pode ser atribuído poder de julgar alguém por tal característica.

Um outro tipo de ilogicidade muito encontrado nos trabalhos examinados originou-se no mau uso de elementos conectores de frases. As relações conclusivas, explicativas e causais foram as mais afetadas.

(108) *Em todos os países há uma grande diferença entre um negro e um branco, portanto a África do Sul e um país de negros mandados por brancos.*

- (109) *Tem de começar de nós pois o preto também tem capacidade.*  
(110) *No meu ponto de vista, não deveria nunca existir o racismo, pois o racismo só acabará a partir do momento em que as pessoas tiverem consciência do mal que faz aos negros.*  
(111) *Já comentaram a seu respeito na televisão porque sua cor na África era comum.*  
(112) *Gostaria de estar escrevendo que no mundo não há racismo, lamento, mas isso é impossível porque é um assunto discutido em toda a terra.*

Nenhum dos conectores assinalados em (108), (109), (110), (111) e (112) assume concretamente, no contexto em que se encontram, uma relação lógica condizente com a sua significação. Em (108), não se pode concluir que especificamente a *África do Sul* e *um país de negros mandados por brancos*, do fato – aliás, não comprovado no texto – de haver *uma grande diferença* – não explicitada – entre *um negro* e *um branco*, em todos os países. Em (109) e (110), as orações introduzidas por *pois* não **explicam** as afirmações feitas nas orações imediatamente anteriores. Em (111), não é porque a cor de alguém *era muito comum na África* que vários comentários foram feitos sobre esse alguém. Em (112), não é porque o racismo é *um assunto discutido em toda a terra* que é impossível escrever *que no mundo não há racismo*. Tanto em (111) quanto em (112) não se pode encontrar, então, uma relação de causa e efeito, entre o que é relatado em primeiro lugar e o que se lhe segue, como pretensão fundamento.

Alguns estudantes enredaram-se em pensamentos complicados, de difícil compreensão, que martirizam um possível leitor.

- (113) *Não é óbvio que ninguém estrague seu direito.*  
(114) *Conforme a lei não existe nenhuma lei que faça com que o trabalhador seja demitido por causa de uma doença.*

Para (113), já que duas negações – *não, ninguém* – redundam numa afirmação, pode-se pensar numa interpretação como: *É óbvio que alguém estrague o seu direito*. Seria, realmente, isso o que o autor teria a intenção de comunicar?

A partir de (114) poder-se-ia entender que haja uma lei que proíba a existência de qualquer outra lei que permite a demissão de alguém por doença. Será esse o pensamento do autor?

Outras formas um tanto precárias de expressão do pensamento foram encontradas nas redações lidas. Certas opiniões externadas, por exemplo, são, muitas vezes, difíceis de serem processadas, por conterem boa dose de imprecisão de sentido e não estarem devidamente fundamentadas.

- (115) *O preconceito é uma atitude muito importante.*  
(116) *A raça negra é ainda uma discriminação.*  
(117) *A cor negra é uma cor bonita e divertida.*

- (118) *Existe racismo sim, mas de maneira lenta.*  
(119) *Ainda hoje o racismo está sendo usado por pessoas críticas.*

Notaram-se definições e considerações inusitadas, pelo menos para os padrões de entendimento de um leitor comum, sem a necessária sustentação de argumentos elucidativos.

- (120) *A doença é um dom deixado por Deus.*  
(121) *Hoje em dia a população possui uma aliada, a Aids.*

Períodos curtos, de estrutura simples, geralmente corretos sob o ponto de vista formal, caracterizam os clichês – numerosíssimos – que povoam os escritos analisados e também dão testemunho da pouca autonomia de reflexão apresentada pelos alunos em seus trabalhos.

- (122) *As leis existem para todos.*  
(123) *Somos todos filhos de Deus.*  
(124) *Não se sabe o dia de amanhã.*  
(125) *A escravidão já acabou.*  
(126) *Negro também é gente.*  
(127) *O sol brilha para todos.*  
(128) *Ninguém é melhor que ninguém.*  
(129) *O que vale é o que a pessoa tem no coração.*  
(130) *Quando morremos vamos todos para o mesmo lugar.*

Redundâncias e repetições, que, indiscutivelmente, empobrecem o texto e acusam a existência de certa anemia no acervo de pensamento e idéias dos autores, mostram-se nas mais variadas formas.

- (131) *Na minha opinião este tipo de opinião é uma tremenda besteira.*  
(132) *O racismo racial em nosso país é muito visível.*  
(133) *É que até mesmo para esta pessoa está sendo difícil encarar o fato de frente.*  
(134) *Nada que contradizem seus sentimentos emocionais.*  
(135) *A Aids ainda assusta muita gente, para muitos a Aids é uma coisa assustadora.*

Em (131), repetem-se palavras, e, em (132), radicais. Aliás, em (132) pode-se perguntar a razão da contigüidade dessas duas palavras provenientes de um mesmo radical. Há alguma dúvida a respeito da existência possível de qualquer *racismo* que não seja *racial*?

Em (133) e (134), configura-se a incidência de palavras e expressões que, se formalmente estão dissociadas, são, em relação à semântica, praticamente superpostas.

- (133) *... encarar... de frente.*  
(134) *... sentimentos emocionais.*

Em (135), temos uma só idéia expressa em duas construções diferentes – mas nem tanto – em um mesmo período. Em última análise, a diferença entre as duas ficou praticamente por conta da ordem em que estão colocados os elementos (quase os mesmos) que as compõem e os obrigatórios ajustes estruturais disso decorrentes.

No transcorrer da análise dos trabalhos, uma constatação se impôs: o vocabulário utilizado por muitos é, freqüentemente, notável pela sua impropriedade. Várias palavras empregadas pelos alunos existem, realmente, na língua, mas, nos textos, acham-se encravadas em contextos decididamente equivocados. Vejam-se, nas frases seguintes, os elementos assinalados.

- (136) *Somos todos iguais em extinção de raça e cor.*
- (137) *A pessoa não devem fazer decepção da pessoa.*
- (138) *Em um hotel não se deve fazer acepção de pessoa*
- (139) *Isso é... falta de respeito ao próspero.*
- (140) *Ele disse que iria entrar em contacto com o lider do hotel.*
- (141) *O ser humano... tem direito de adquirir o certo do errado.*
- (142) *Se eu fosse ela procuraria seus direitos humanos.*
- (143) *... disseram palavras de baixo escalão.*

Em muitas frases, aparecem alterações em vocábulos utilizados, embora muitas vezes tenha sido possível recuperar-lhes a forma e o sentido.

- (144) *Muitas pessoas tem instinção de cor.*
- (145) *No Brasil ainda existe esta irrepugnante situação que corrói a nossa sociedade.*
- (146) *A gente nunca deve escriminar uma pessoa.*
- (147) *... eu disconcordo.*

Expressões características da linguagem oral pululam nos textos, o que, se não chega a obscurecer o sentido das frases em que se encontram, empresta-lhes um tom coloquial não condizente com o que as composições dissertativas devem guardar.

- (148) *Para os aidéticos é muito triste ter de enfrentar de cara que vai morrer.*
- (149) *... fala que não tem o vírus da Aids e dá no que dá.*
- (150) *Acho que deve dar até cadeia, poxa!*
- (151) *... como se um dia não pudessem cair nessa.*
- (152) *Aids, essa porra mata.*
- (153) *Eu acho que esse negócio de racismo não está com nada.*
- (154) *Cadê o médico desta empresa?*

Quanto à assimilação dos cânones gramaticais próprios da língua escrita, a produção textual apresentada pelos alunos envolvidos nesta atividade de avaliação não permite que se contemporize, ou se seja otimista.

Os estudantes que estão terminando o Segundo Ciclo do Ensino Fundamental demonstram, na construção de seus períodos, dificuldades da mesma natureza daquelas encontradas em textos de alunos das séries anteriores. Na quantidade de infrações é que se observou algum decréscimo – pouco expressivo, porém. Segue o registro das principais inadequações cometidas.

No que se refere aos aspectos da morfossintaxe analisados, notaram-se vários problemas. Constatou-se, por exemplo, inexistência de concordância tanto verbal quanto nominal nos casos mais comuns.

(155) *São muito poucos negros que consegue arrumar um bom emprego.*

(156) *... pois as pessoas portadoras desse tipo de virus também é seres humanos.*

(157) *Até as pessoas de cor negra discrimina a si próprio.*

(158) *... Muito gentes brancos fala mau com os negros.*

(159) *As pessoas aidéticas é isoladas e rejeitada por todos.*

Houve grande incidência de formas do verbo *haver* impessoal no plural, e do verbo *existir* no singular, quando deveria estar no plural.

(160) *Se não fossemos assim não haveriam pessoas se sentindo desprezada.*

(161) *Mas existe pessoas mais velhas...*

Em se tratando de *existir*, é interessante observar o aparecimento de enunciados em que foi feita a concordância desse verbo com termos imediatamente anteriores, principalmente *adjuntos adverbiais*.

(162) *Em outros lugares, existem também o racismo*

(163) *Em quase todos os países existem a discriminação.*

Outro fato que chamou a atenção pela freqüência com que ocorreu foi a flexão das duas formas verbais nas construções *perifrásticas*:

(164) *Para que possamos vivermos unidos...*

(165) *As pessoas brancas não deveriam abusarem dos negros.*

(166) *Vamos acabar com o racismo e vamos vivermos em um mundo de paz.*

(167) *Alguns negros estão conseguindo trabalharem em novelas.*

Foi expressiva a concordância discrepante entre o nome e o seu referente.

(168) *Sempre que houver briga de racismo entre as pessoas, devemos tentar ajudá-los.*

(169) *Pessoas egoistas, que pensam em si próprio.*

(170) *Pessoas que só querem o bem estar delas mesmo.*

(171) *Uma pessoa quando for da raça negra, em qualquer lugar a maioria das pessoa os discrimina.*

(172) *Depois de empregados é descoberto que ele possui o vírus da Aids.*

No que concerne à regência verbal e nominal, o que de mais anômalo se notou foi o que segue.

- Constante ausência da preposição cabível diante dos pronomes relativos.
  - (173) *Neste hotel que essa moça queria hospedar...*
  - (174) *Há países que os negros separam os bairros...*
  - (175) *Eu tenho esperança que um dia tudo isso vai acabar.*
  - (176) *O empresário não tem consciência que o aidético precisa trabalhar.*
- Frequente inadequação no emprego de preposições ligando o elemento regido ao seu regente.
  - (177) *A contaminação do vírus da Aids...*
  - (178) *O racismo sobre os negros...*
  - (179) *O preconceito com os aidéticos...*
  - (180) *O preconceito ao aidético...*
  - (181) *O preconceito para quem tem Aids.*
  - (182) *... discriminar para com os aidéticos.*
  - (183) *A Aids não se transmite de mão e carinho.*
  - (184) *Nós devemos de respeitar a cor das pessoas.*
- Alta incidência do uso indiscriminado e incorreto da crase.
  - (185) *... mas haverá um canalha à menos*
  - (186) *... em nosso país as pessoas não aprender à aceitar as doenças dos outros.*
  - (187) *E quando Cristo voltar novamente à resta terra.*
  - (188) *... as vezes, às pessoas ficam magoadas e tristes.*
  - (189) *... à cima de...*

A colocação dos pronomes oblíquos átonos, nas frases, muitas vezes não se pauta pelas regras da língua padrão.

- (190) *Preconceito: não use-o para ninguém.*
- (191) *Me lembro de ouvir em um programa uma mulher dizer que...*

O emprego de tempos e modos verbais e a correlação entre eles mostraram-se, freqüentemente, problemáticos. Talvez se possa pensar que a tentativa de construir estruturas sintáticas mais complexas – afinal, são alunos do último ano do Ensino Fundamental – tenha uma parte de responsabilidade nesse fato.

- (192) *Quando um branco entrar lá (na África) ele tinha de ser recebido a pedra*
- (193) *Temos de abrir o nosso coração e deixar que a paz habita em nosso país*

(194) *Nesse caso é preciso que a humanidade esquece o preconceito de lado e demonstra um pouco de dignidade e fazer com que um aidético viva o resto de sua vida sem discriminação.*

(195) *Não exclui porque um dia você pode ser excluído por uma pessoa que você acha que é seu amigo.*

A ausência de paralelismo em certas construções sintáticas revela, em muitos textos, que os seus autores não adquiriram ainda um estágio ideal de amadurecimento na escrita.

(196) *É difícil ver um negro em um bom emprego, advogado, médico, contabilidade.*

(197) *As pessoas deviam tomar consciência de que Aids não se transmite através do contato físico, e sim na relação sexual, o sangue contaminado, as agulhas contaminadas.*

É comum a omissão de termos frasais importantes, às vezes, para a compreensão do período em que se encontram.

(198) *A Aids é uma doença que não tem cura. Muitos especialistas estão tentando [encontrar a cura para ela]<sup>7</sup>, mas não estão conseguindo.*

(199) *Ela só pega através da transfusão de sangue se [a pessoa] não [se] prevenir, mas tem jeito de evitar [a doença].*

(200) *Não está certo demitir [o empregado] só porque ele tem o vírus. Eu tenho certeza que le não queria pegar.*

Houve transgressão das regras da língua escrita também em pontos que já deveriam ser completamente conhecidos dos estudantes.

- Emprego inadequado de *a/à*, por *há*, presente do indicativo do impessoal *haver*.

(201) *A poucas empresas que apoiam o portador do vírus da Aids.*

(202) *Mas também à racismo contra as pessoas.*

(203) *Também à discriminação contra a Aids.*

(204) *A sempre conscientização a respeito.*

(205) *... empresas onde à aidéticos.*

- Confusão no uso das formas de terceira pessoa do singular e plural do presente do indicativo do verbo *ter* e, ainda, o aparecimento da forma anômala *têm*.

(206) *...essas pessoas que tem o vírus da Aids...*

(207) *A pessoa que têm o vírus da Aids.*

(208) *... essas empresas teem o grande preconceito.*

<sup>7</sup> Nesses exemplos, os elementos omissos estarão apresentados dentro dos colchetes: [ ].

Sob o ponto de vista da ortografia, pode-se afirmar que os alunos cujos textos foram examinados já têm maior domínio do sistema ortográfico do português. São menos freqüentes os casos de trocas de letras, poucos os acréscimos de letras por influência da oralidade – excetuando-se os casos de nasalização, como em *inzolar* por *isolar*, *inguinorante* por *ignorante*, *inrracional* por *irracional*, *indioma* por *idioma*.

Os maiores problemas ortográficos dizem respeito às convenções mais arbitrárias. Vejam-se os exemplos

- (209) *ospedar, ipócrita, orríveis; horientação, hiferiores, hainda.*
- (210) *raxismo, esclarecer, excravidão; escluldos, espostas.*
- (211) *descriminação, previlégio, eternou.*
- (212) *dessepição, punissão; dice, ceringa.*
- (213) *confusso, despresso.*
- (214) *quizeram.*

Chama, também, a atenção de quem examina as redações em foco a grande incidência de erros no que diz respeito ao modo de registrar tempos verbais:

- A desinência do imperfeito do subjuntivo aparece grafada de várias maneiras.

- (215) *concordacem, acolhecem;*
- (216) *descobrise, dissece;*
- (217) *tivesemos*

- A desinência da terceira pessoa do plural costuma aparecer trocada entre o imperfeito do indicativo e o futuro do presente, bem como entre o pretérito perfeito do indicativo e o futuro do presente.

- (218) *... e todos vivião respeitando a todos.*
- (219) *Amanhã eles iram sofrer o preconceito também.*
- (220) *E eles contrairão a doença dois meses antes.*

- A desinência de terceira pessoa do plural do presente do indicativo é grafada erroneamente como *ão*.

- (221) *...75% dos alunos trabalhão em diversas partes da cidade...*
- (222) *...e chegão em casa com o pouco tempo...*

A grafia dos *porquês* é outra fonte de equívocos, já que os alunos juntam e separam indiscriminadamente os elementos de que a palavra se compõe, quase nunca usam, quando devido, o acento circunflexo, e empregam o sinal gráfico quando não deveriam fazê-lo.

- (223) *... há causa da violência e da fome no país é derivado disso, porquê as pessoas procuram serviço e eles não dão.*
- (224) *...estava muito difícil, por que todos os lugares que ela chegava...*

(225) *Pois, o branco pode sair e entrar em qualquer lugar. Porque o negro não pode?*

(226) *Porque tanto racismo?*

(227) *...e não entram em determinados lugares. Porque?*

Quanto à acentuação, nota-se que, em geral, os alunos já a manejam com maior destreza, embora haja, muitas vezes, a omissão do acento provavelmente por falta de atenção, já que a mesma palavra ora pode aparecer acentuada, ora não, num mesmo texto.

A análise dessas redações mostra que, na fase de aprendizagem em que se acham, esses alunos utilizam-se bastante dos sinais de pontuação, contrariamente ao que costuma ocorrer em fases de aprendizado anteriores. Percebe-se neles uma certa consciência da necessidade – ou da utilidade, talvez – de tal uso, embora a maioria o faça de forma completamente aleatória.

(228) *Como pode, uma pessoa ser racista? Será que as pessoa já nascem racista; será, que os brancos, valem mais que os negros?*

(229) *Se eu fosse dona de empresa, procuraria ajudar, o máximo possível essas pessoas; pois eu enxergo isso; me colocando no lugar de uma pessoa assim.*

A vírgula – sinal de pontuação mais empregado – gera grande número de problemas: ora não é colocada, ora é marcada em excesso, ora é apenas parcialmente indicada. E muitas vezes esses problemas aparecem, mesmo na sua substituição por outros sinais de pontuação – geralmente, o ponto final – com possível comprometimento de estruturas textuais.

(230) *A discriminação em relação a cor, é infelizmente, um problema muito sério. Pessoas que são discriminadas pela sociedade por serem negras, milhões de brasileiros com grandes talentos como o caso da cantora. Estão fora do mercado sem poder mostrar seu talento só por serem de cor negra.*

(231) *A algum tempo atrás existia muita gente racista. Pessoas que não respeitava o jeito de ser das outras.*

(232) *Existem pessoas que nessas horas em que os portadores do vírus da Aids precisam delas elas os desprezam. Cometendo um verdadeiro racismo.*

No exemplo abaixo, o aluno substituiu a vírgula por um ponto final de parágrafo.

(233) *O mundo já viveu muitas doenças graves como a gripe, tuberculose, o câncer, mas a doença do século é a Aids, que já matou muita gente no mundo.*

*Que encontra resistência de muitas pessoas que recusa a dar apoio ao portador do vírus.*

Tomando como parâmetro a tradição gramatical da língua escrita, ainda com relação ao tópico pontuação, as infrações mais freqüentes são: *emprego da vírgula separando o sujeito (principalmente quando extenso) do núcleo do predicado; este, de seu complemento; o termo determinante, de seu determinado.*

- (234) *Casos como o dessa cantora, estão acontecendo sempre.*
- (235) *O fato de uma pessoa ser negra, não influi na sua capacidade de crescer.*
- (236) *Esse grave problema, prova que a humanidade tem ainda muito o que aprender.*
- (237) *Muitas vezes, o negro, tem o valor de muitos brancos.*
- (238) *Acho que devemos olhar, o coração das pessoas.*
- (239) *Eu penso, que hoje em dia não existe esta coisa de negro passar a noite no hotel e o gerente não deixar.*
- (240) *Eu acho que o racismo, é uma coisa, que ainda existe no mundo inteiro.*
- (241) *Vivemos em um país, preconceituoso não somente falando de Aids.*
- (242) *A Aids, pode ser considerada, uma das doenças mais terríveis que já existiu.*

Ocorreram também casos de falta – total ou parcial – da vírgula, na separação de palavras que se destinam a explicar, esclarecer, retificar, organizar ou concluir pensamentos; de termos e orações intercaladas ou subordinadas antepostas à principal; de orações coordenadas sindéticas ou assindéticas.

- (243) *Além disso,<sup>8</sup> estaria solucionado o problema da Aids.*
- (244) *O racismo, ou seja[,] o preconceito de cor antigamente era comum.*
- (245) *... al[,] sim[,] estava atacando a raiz do problema.*
- (246) *Então[,] pelo menos vamos tentar controlar o número de mortos pelo vírus da Aids.*
- (247) *As empresas brasileiras[,] ao demitir as pessoas que possuem o vírus da Aids[,] deveriam pensar muito.*
- (248) *E[,] quando essas pessoas se arrependerem[,] será tarde demais.*
- (249) *Apesar de estar nas leis de vários países que todas as pessoas tem os mesmos direitos[,] sem distinção de cor ou de aspectos sociais[,] muitos destes não seguem.*
- (250) *Aos olhos de Deus somos todos iguais[,] pois somos a imagem e semelhança dele[,] mas aos olhos dessas pessoas as pessoas de raça negra são como bichos.*
- (251) *Sou contra a discriminação[,] pois quem contém essa doença precisa de carinho e não de abandono.*

<sup>8</sup> Também nesses exemplos, as vírgulas omitidas estarão colocadas dentro dos colchetes: [ ].

Os problemas ligados à pontuação, como se comprovou pelos vários exemplos citados, apareceram nos textos de maneira insistente e persistente. Acredita-se que esse fato configure-se como um dos indícios certos da dificuldade que, indiscutivelmente, os alunos ainda apresentam em organizar, lógica e claramente, as informações que devem compor o seu texto.

### 3. A HARMONIA POSSÍVEL

Ao se concluir a análise dos textos que constituíram o *corpus* da OITAVA/95, pôde-se observar que as redações avaliadas apresentaram um padrão de qualidade abaixo do desejável em alunos nesse nível de escolaridade. As produções escritas examinadas exibiram a pouca familiaridade dos componentes do universo pesquisado não só com o tipo de texto que se exigiu deles – a dissertação – como também com o manejo do dialeto padrão.

Na verdade, esperava-se que, ao solicitar-se de um estudante – prestes a terminar o Ensino Fundamental – que produzisse um texto dissertativo, esse estudante tivesse consciência de que deveria fazer uma redação em consonância com as expectativas criadas pelas propostas, isto é, um texto em que predominassem a reflexão e a argumentação. Tal expectativa, no entanto, não se concretizou: nas produções realizadas, os objetivos a serem perseguidos – esclarecer o leitor sobre os temas, levar-lhe informações novas ou, se conhecidas, pelo menos, com um novo enfoque a respeito deles, oferecer opiniões a propósito dos assuntos, discutir essas opiniões, argumentar a favor delas a fim de convencer o leitor pretendido – não foram alcançados. Um número bastante expressivo dos participantes da amostragem escreveu historinhas em prosa e – menos freqüentemente – em versos, em que *Marias, Joanas, Neides, Joões, Pedros, Márcios*, ou, simplesmente, *Eles e Elas* sofrem na própria pele a perversidade da discriminação – na maioria dos casos, *discriminação* – contra o doente e contra a cor.

O objetivo proposto não orientou, portanto, grande parte dos textos analisados porque faltou aos estudantes familiaridade com os temas sugeridos. Isso se deveu ao fato de que, embora aparentemente inseridos no cotidiano dos alunos, esse tipo de temas – conhecidos e muito divulgados pela mídia – não é, ordinariamente, abordado e, adequadamente, discutido na escola e pela escola. Em conseqüência dessa inadimplência da escola, a habilidade de raciocinar, a capacidade de observar, comparar, generalizar parecem não ter sido, apropriadamente, desenvolvidas durante os oito anos de escolarização formal. Durante esse período, o alunado das escolas públicas de Minas Gerais, como, de resto, o das instituições particulares de ensino, não tem sido preparado, efetivamente, para avaliar as informações que recebe, nem para refletir sobre elas. Então, discutir e dar opinião sobre temas polêmicos e complexos, como preconceito contra adéticos e contra

negros, tornou-se missão impossível para um aluno que ignora os aspectos éticos, jurídicos, sociológicos e outros, envolvidos nessas questões. Foi isso que o primarismo das redações do *corpus* examinado revelou.

Uma outra expectativa não consumada foi a de que um aluno em vias de concluir o Ensino Fundamental fosse capaz de produzir um texto seu e não apenas reproduzisse as falas ou opiniões alheias. Mas a maioria dos participantes da avaliação, infelizmente, mostrou-se pouco preparada para realizar um discurso pessoal. Conseqüentemente, o uso de lugares-comuns, reproduzindo vozes sociais, predominou sobre a relação informação/reflexão. O despreparo manifestado por esses alunos para tratar, com propriedade, temas tão complicados talvez explique a abundância de clichês que a população pesquisada repete em seus textos, sem compreender-lhes o sentido – *dir-se-ia* –, se se levar em consideração a não-pertinência de emprego desses clichês e as contradições de que, em função deles, os textos padecem.

Em relação à própria capacidade de estruturar um texto dissertativo, esperava-se, ainda, que os participantes da OITAVA/95 fossem capazes de organizar seus textos, segundo o modelo tradicional, em *introdução*, *desenvolvimento* e *conclusão* e de articular essas partes com eficiência a fim de garantir a coesão textual. No entanto, isso também não ocorreu, como visto, com a naturalidade e a freqüência desejáveis.

A avaliação dos textos da amostragem também deixou claro para os pesquisadores que os participantes da OITAVA/95 não tinham o hábito de leitura e que recebiam informações, de um modo geral, provavelmente através dos canais de comunicação de massa, como o rádio e a TV e de conversas informais com amigos e familiares. Isso fez com que dois grandes problemas se revelassem através dos textos examinados: a pobreza da linguagem – com limitação do vocabulário e de recursos lingüísticos próprios da língua escrita – e a irrelevância da argumentação, devido à imaturidade dos alunos e à falta de reflexão e aprofundamento dos temas abordados.

Do ponto de vista formal, os textos desses alunos também decepcionaram, pois não confirmaram as expectativas levantadas no início desse trabalho de que nesse nível de escolaridade eles dominassem a forma do texto dissertativo/reflexivo. O resultado não foi outro: os textos produzidos pelos estudantes prestes a concluir o Ensino Fundamental padecem da falta não só das principais características do pensamento formal como também da dificuldade de exteriorização desse pensamento.

Finalmente, quanto ao domínio do dialeto padrão escrito, quando comparados aos alunos de séries anteriores, embora um percentual expressivo dos alunos da amostragem tivesse demonstrado, no conjunto de sua produção escrita, algum avanço, principalmente no tocante à ortografia e à pontuação, os seus textos ainda deixaram a desejar quanto ao domínio da morfossintaxe e da estrutura de períodos mais complexos.

Portanto, não é exagerada a preocupação, que já há algum tempo se registra na literatura especializada, em relação ao que se convencionou

chamar de *crise da linguagem*, denunciada nos mais diferentes níveis de escolaridade. Seja do ponto de vista do conteúdo, seja do ponto de vista formal, faltou aos participantes da população pesquisada trato com o texto dissertativo.

É oportuno, também, lembrar que, para propiciar aos alunos esse trato com o texto dissertativo, é preciso trabalhar com eles a leitura da realidade e a organização simbólica dessa mesma realidade, desenvolvendo neles o espírito de observação e de crítica, e, ao mesmo tempo, a habilidade de exibir, através da escrita, essas qualidades, a fim de se tornarem sujeitos – leitores e escritores – autônomos, seguros e perspicazes – que a escola deveria objetivar formar – diante do conhecimento e do mundo.

Só assim seria possível a harmonia desejada: diferentes vozes, com os mais variados timbres, numa sinfonia que não apenas *poderia* como *deveria* inaugurar, nessa transição de milênios, um novo tempo.

## **ANEXO I: O PRECONCEITO CONTRA OS AIDÉTICOS**

### **Texto 01**

#### **VIDA TRISTE**

*A maioria das empresas demite o trabalhador quando descobre que ele tem o vírus da aids. Quando uma pessoa descobre que tem o vírus ela muda totalmente sua maneira de ver o mundo e começa a se sentir só, porque é rejeitada pela maioria das pessoas que não possuem a doença. Imagine como seria a vida de um trabalhador que possui esposa e filhos para sustentar após descobrir que através de uma transfusão de sangue contraiu o vírus mortal, e que por isso foi demitido da empresa em que trabalhava há muitos anos.*

*O dono de uma empresa pode simplesmente demitir uma pessoa que possui o vírus sem pensar nas conseqüências para a vida dessa pessoa. Na minha opinião as autoridades deviam instituir uma lei que obrigasse as empresas a não demitirem os trabalhadores aidéticos.*

*De uma maneira geral de nem um modo os donos das empresas podiam dar privilégios aos que não possuem o vírus. Hoje em dia as pessoas tem muito preconceito em relação aos aidéticos. O que nunca poderia acontecer. Uma pessoa com aids leva uma vida muito triste, porque sabe que vai morrer antes do que pensava e para entristecê-lo mais as pessoas ainda o rejeitam. Viver uma vida desse jeito deve ser horrível e por isso não só os empresários mas todos nós da sociedade devemos refletir bem sobre o caso para não irmos desprezando a primeira pessoa com aids que aparecer.*

### **Texto 02**

#### **PRECONCEITO: O PIOR DOS VÍRUS**

*Demissão, rejeição e preconceito. Porque isso acontece. Nunca poderia pensar que uma pessoa aidética fosse tão rejeitada socialmente.*

*Em revistas, jornais, campanhas e palestras, existem pessoas alertando a sociedade para ajudar os portadores do vírus HIV tentando fazer com que os mesmos tenham uma melhoria no perfil psicológico.*

*Mas, de que adianta falar tanto, dizer coisas importantes, se eles os aidéticos, não podem usufruir de direito que lhes convém, pois são vítimas de padrões pouco compreensíveis, são vítimas do pior dos vírus que é o preconceito. Esses padrões (Empresários entre outros) ao invés de apoiar, discriminam, ao invés de estimular, demitem.*

*A sociedade anda desorientada sobre essa tal Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, a Aids, com tantos avisos, há pessoas que a desconhece e pode contra-la a qualquer momento.*

*Ninguém está livre dessa doença, até então sem possibilidade de cura, mas há várias maneiras de preveni-la.*

*Se não houvesse tanto preconceito, tanta falta de apoio tão pouco incentivo, as pessoas que contraíram a doença levariam uma vida normal, bem melhor ou quase normal.*

*Já é hora de abrir os olhos para a realidade, ter Aids não é sinônimo de deixar de ser humano.*

#### **Texto 03**

##### **A VIDA DE UM SOLITÁRIO A PROCURA DO EMPREGO**

*São muitos os que sofrem pela discriminação por ter o vírus da aids. Mas são os muitos que lutam pela lei da sobrevivência, para ter uma vida honesta, para isso necessita de um trabalho. Para consegui-lo é muito difícil, pois as empresas ou indústrias Brasileiras*

*Ainda não são preparadas e nem conscientizadas sobre o assunto.*

*Algumas empresas ve o assunto de maneira errada elas pensam que, com os contaminados do vírus na sua empresa trará pouco consumo de seu produto, menos vendas. Sua empresa será mal falada lá fora nos outros países.*

*Mas se o governo interferise no assunto, assim poderia dizer que os que tem o vírus teria mais chance de entrar num emprego.*

*Mas se todas as empresas se consentizar é assim não haveria mais solitários a procura de emprego.*

#### **Texto 04**

##### **A AIDS**

*Eu acho que a Aids como qualquer outro tipo de doença que possa ser transmitida através de injeção ou relação sexual não deveria trabalhar com pessoas que possuem esse tipo de doença.*

*Porque mesmo se as pessoas forem amigas a muito tempo acho que eles tem coragem de transmitir esta doença, em uma relação sexual ou injetando uma seringa de maldade no outro amigo.*

*Por isso mesmo eu acho que os donos de empresas devem demitir pessoa com o vírus da aids.*

*Mão por preconceito mas sim por prevenção. A Aids é uma doença que causa muito desgosto para famílias que filho ou mesmo os pais com esse tipo de doença.*

*Mas eu acho que esses que se dizem cientistas, um dia vão achar algum tipo de cura para esses que possuem este tipo de doença e possam trabalhar, ganhar o seu dinheiro sem roubar dos outros.  
Acho que esses que andam por ai fazendo sexo sem se prevenir usem a cabeça para pensar pelo menos na hora do sexo e usem a tal da camisinha.*

*Aids essa porra  
Mata*

## **ANEXO II - O PRECONCEITO RACIAL**

### **Texto 01**

#### **RACISMO**

*O racismo é um problema muito sério que invergonha muito o país porque não é pela cor que jugamos os nossos irmãos e sim pelo seu caráter, por que somos todos filhos de Deus.*

*Mas não adianta nada eu falar isto por que o racismo existe em todo o mundo.*

*Mas vamos falar a verdade, o racismo não é só pela cor e sim por muitos outros problemas também como exemplo:*

*O rico que faz pouco do pobre, o alto que pensa que é mais do que o baixo, e também existe alguns negros que não gostam dos brancos.*

*E é assim que o nosso mundo é hoje em dia.*

### **Texto 02**

#### **RACISTA**

*Eu acharia que este hotel tinha que ser processado e fechado por falta de respeito, porque a pessoa negra também é humana, tem muitas pessoas como estas desse hotel que são muito racista não poderia ser assim todas as pessoas tinham que ser unidas como se fossem da mesma cor, aquelas pessoas que quiserem ser racistas tinham que ser castigadas por Deus por que todo ser humano tem que ser bem tratado e nunca mal tratado por ninguém.*

### **Texto 03**

#### **O RACISMO**

*O Racismo foi há muito tempo, ainda quando ainda existia escravos. Em nosso país nunca vi falar que o negro não pudesse entrar aonde existe branco todos tem o mesmo direito em qualquer circunstância eu não conhece nenhum caso de racismo freqüente.*

*A respeito desse acontecimento. Eu acho q um gerente de um hotel ou qualquer outra coisa não pode fazer o que fez só pela cor da pessoa em hipótese alguma. E esse acontecimento não pode ter acontecido no Brasil, no Brasil nós respeitamos os brancos e os negros e sim em outro país qualquer, será que não aconteceu nos Estados Unidos, ou em outro país onde o racismo é freqüente, mas deveria ainda ter racismo.*

*Justificativa*

*Quando nosso ser superior nós trouxe ao mundo, ele não tinha pensado no que ia acontecer no futuro, foi onde aconteceu o racismo.*

#### Texto 04

##### O RASISMO EXISTE?

*Não devia existir esse rasismo porque são todos filhos de memo pai. A cor não manda em nada.*

*Eu acho que não deveria existir isso porque é um grande pecado contra deus nosso Pai. Sou totalmente contra o rasismo e as pessoa que praticam esse preconceito.*

*Eu justifico as minha ideias porque preconceito não é coisa de um ser igual ao outro fazer. Tem que ser muito ruim pra fazer isso.*

*Muitas vezes eu vejo um branco fazendo tudo erado mas mesmo assim não rasismo com ele.*

*Somos tudo igual nos olhos de Deus e quando morremos vamos todos pro mesmo buraco, com a mesma fundura.*

*O racismo não devia existir porque somos todos seres humano do mesmo jeito, que um trabalha todos trabalhão o rasismo.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Gustavo. *Redação inquieta*. 4ª ed. São Paulo: Globo, 1991.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Fugindo da norma*. Campinas: Átomo, 1991.

ECO, Umberto. *Conceito de texto*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1984.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

FLORES, L. L. & OLÍMPIO, Lúcia Maria N. & CANCELIER, Natália L. *Redação; o texto técnico/científico e o texto literário*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

- KOCH, Ingedore & TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Tradução de Luiz Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem; redação no vestibular*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. 7ª ed. São Paulo: Globo, 1995.
- SMITH, Frank. *Writing and the writer*. London: Heinemann Educational Books, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Compreendendo a leitura*. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

**Professoras corretoras:**

Ana Maria Nápoles Vilela  
Ângela Maria Simões Silva  
Anílce Maria Simões  
Carolina do S. Antunes Santos  
Djanira Silveira Cardoso  
Ermelinda Tôrres Simões  
Helofsa Helena F. Persechini  
Ísis da Silva Oliveira  
Jamile Dabian  
Jeanete M. das Graças Lino Silva  
Júnia Maria Campas Passos  
Lourdes Teixeira de Moura  
Lúcia Helena J. Maciel Bizzotto  
Lufza de Lana Sette Lopes  
Maria Amélia P. Nascimento

Maria Cândida T. C. de Seabra  
Maria da Glória A. dos Santos  
Maria das Graças R. Paulino  
Maria Dirce do Val  
Maria Hulda de Campos  
Maria José Costa Machado  
Maria Magdalena N. R. Barbosa  
Maria Zélia Versiani Machado  
Marlene Machado Zica Vianna  
Níbia Cândido Ribeiro  
Olga Lúcia Alves Netto  
Tércia Pagano Pereira  
Ydernéa Milka Souza Birchall  
Yedda C. Magalhães Pieruccetti

